

Sobre o Reino



Wellington Corporation

E reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim.

[Lucas 1:33](#)

E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão, e lhe obedecerão.

[Daniel 7:27](#)

Porque um sai do cárcere para reinar; enquanto outro, que nasceu em seu reino, torna-se pobre.

[Eclesiastes 4:14](#)

Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, peleariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui.

[João 18:36](#)

E eu vos destino o reino, como meu Pai mo destinou,

[Lucas 22:29](#)

E, interrogado pelos fariseus sobre quando havia de vir o reino de Deus, respondeu-lhes, e disse: O reino de Deus não vem com aparência exterior.

[Lucas 17:20](#)

E enviou-os a pregar o reino de Deus, e a curar os enfermos.

[Lucas 9:2](#)

E o sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre.

[Apocalipse 11:15](#)

INTRODUÇÃO

Eu sinto muito pelo tamanho dessa introdução... mas...era necessário...

As crianças do século XX em diante compreendem o termo "reino" como uma realidade meio que abstrata, uma entidade mágica associada aos contos de fadas, às histórias infantis e claro, a temática medieval. Logo vem à mente os castelos europeus, irlandeses, ingleses, alemães que ilustram as animações da Disney, as princesas são 'herdeiras de moda' da nobreza europeia, recriando a moda de 1700 a 1900, o príncipe não possui nenhum papel proeminente maior que salvar ou casar com a "plebeia" que em algum momento vai receber o direito de ser denominada de princesa, tornando-se 'herdeira de fato'. Os reis e rainhas são acessórios. As festividades elencadas são intermináveis bailes misturados a temática americana, evocando os bailes adolescentes de formatura, os soldados se vestem ora como cavaleiros medievais, ora com roupas que são alusões a guardas de principados, condados europeus, anteriores a queda ou transformação das monarquias em estados presidencialistas, parlamentaristas ou regimes mistos onde a monarquia é somente cerimonial, como do Reino Unido ou do Japão. A palavra "reino" perde bastante de seu significado se contrastada com sua concepção folclórica, ou cristalizada pelos contos de fadas. Porém essa realidade administrativa, política, mítica diria eu, do "reino" traduz mais coisa que pode conter nossa lúdica imaginação. Para início desse estudo, lembramos que todos os domínios políticos da antiguidade foram em algum instante denominados de "reinos". E que a mudança em estados soberanos é uma divisão política do mundo recente, que os sistemas atuais de governo, da modernidade, presidencialismo, semi-presidencialismo, parlamentarismo, monarquias parlamentares, unipartidarismo e etc, todas essas formas de governo atual, nascem a partir da estrutura do "reino". E não importa que nome administrativo os sistemas de governo evoquem para si, eles são indubitavelmente, reinos, ainda que seus "regentes" já não sejam denominados de "reis". Todos os governos do mundo herdarão, se não as práticas políticas, ao espírito dos reinos da antiguidade. Quanto mais estudarmos a essência dos reinos da antiguidade, mais semelhanças com eles encontraremos na moderna administração dos estados modernos.

O termo reino designa um domínio, um governo em que um soberano atua como rei, que comanda um grupo de súditos, dentro de um território, limitado a um determinado contingente de pessoas. Ao domínio ou fusão de muitos reinos, dominados, subjugados ou reunidos por alianças, comandados um único soberano nós denominamos de "império". Essa é somente uma pobre explicação do que vem a ser um reino em termos políticos. A dimensão antropológica, social, cultural, espiritual, filosófica, e lúdica do termo "reino" é extraordinária. Para compreendermos de modo profundo o significado da expressão "reino de Deus" necessitamos mergulhar em todas as matizes humanas do termo, abordando do mágico ao mítico, do mórbido ao lúdico, do cerimonial ao psicológico da acepção, do conceito de "reino". É a essa aventura que se propõe este estudo.

CONCEITUANDO A MAJESTADE

O que dá a um ser humano o domínio sobre outros seres humanos? Essa questão irá se desenvolver até o surgimento do primeiro código de leis, que seriam também os limitadores do poder real. A questão “o que dá a um ser humano domínio sobre outros” se lê como “aquilo que confere LEGITIMIDADE a um determinado reino”. Essa tal “legitimidade” pode ser somente imaginada, mas é imposta ou aceita de bom grado pelo grupo, que se torna (enquanto viver) submisso, seja por livre vontade ou através da força, à autoridade do soberano. Possivelmente em algum lugar do passado os mais velhos assumiam o papel de líderes de uma comunidade. Mas, poderiam ser também os mais célebres. O processo de entronização, significava a “eleição” do mais forte, do mais poderoso, do mais exímio guerreiro, do mais poderoso caçador.

E Cuxe gerou a Ninrode; este começou a ser poderoso na terra.

E este foi **poderoso caçador diante da face do Senhor**; por isso se diz: Como Ninrode, poderoso caçador diante do Senhor.

E **o princípio do seu reino foi Babel, Ereque, Acade e Calné**, na terra de Sinar. Desta mesma terra **saiu à Assíria e edificou a Nínive, Reobote-Ir, Calá, E Resen**, entre Nínive e Calá (esta é a grande cidade).

Gênesis 10:8-12

O livro de Genesis relata assim história do mais antigo rei da humanidade, Ninrode.

O relato de Genesis é anterior ao surgimento das civilizações da antiguidade. Ainda não existia uma nação do Egito, uma dinastia chinesa ou indiana, uma civilização babilônica, suméria ou assíria.

O termo “caçador” nos leva a um mundo antigo que era basicamente uma imensa floresta. Europa, Ásia, África, eram lugares com inconcebível presença de predadores, leões, ursos, tigres. O leão-europeu (*Panthera leo europaea*) era uma população de leão que habitava o continente europeu e que se encontra extinto desde o ano 100 d.C., quando os últimos indivíduos desta subespécie foram mortos na Grécia, em Itália e mesmo no norte de Espanha. Na Europa, os leões habitavam a Península Balcânica. Habitavam as atuais Grécia, Bulgária, Macedônia, Romênia e países que integravam a extinta Iugoslávia e seu habitat se estendia até à Península Ibérica, passando pelo sul da França, Itália, Hungria e o sul das atuais Áustria e Suíça. Das subespécies de leão, era a que vivia mais ao norte. Alguns escritores gregos como Heródoto e Aristóteles falam da presença de leões na península Balcânica em meados do primeiro milênio antes de Cristo. No ano de 480 a.C., a marcha do xá aquemênida Xerxes I foi atrapalhada por um ataque de leões a seus camelos de carga. A nomenclatura Urso-do-atlas (*Ursus arctos crowtheri*) é aplicada a uma extinta população ou populações de urso pardo na África. Os ursos pardos foram introduzidos na África levados pelos

romanos, que importavam ursos para espetáculos. O tigre-do-cáspio era a população de tigre mais ocidental. Sua distribuição se estendia desde o Curdistão (Leste da Turquia e Norte do Iraque) a oeste, até o oeste da China (província de Xinjiang), passando pelos montes Cáucaso (Geórgia, Armênia, Azerbaijão e algumas repúblicas russas do Cáucaso, tais como Daguestão e Chechênia), Norte do Irã, Afeganistão, antiga Ásia Central soviética (Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Quirguistão e Tajiquistão) e Mongólia. Sem contar que em algumas ocasiões foi visto uma área próxima a Barnaul, no sudoeste da Sibéria. De acordo com o zoólogo russo Vladimir Georgevich Heptner, o tigre-do-cáspio também teria existido em tempos medievais na área costeira do Mar de Azov, na embocadura do Rio Don e até mesmo na atual Ucrânia. O urso-europeu habitava todas as florestas da Europa. Os leopardos viviam outrora no leste e no sul da Ásia e em toda a África. Seu território ia da Sibéria até o Cabo da Boa Esperança. Hoje, são encontrados principalmente na África, ao sul do Saara, com pequenas populações também na Indonésia, Paquistão, Índia, Sri Lanka, Indochina, Malásia, China, Coréia do Norte e leste da Rússia. A víbora europeia comum, ou víbora Europeia (*V. berus*), uma serpente frequentemente mencionada em obras da literatura, é uma cobra stout-bodied que é amplamente distribuído em toda a Europa e Ásia. Ele ainda varia ao norte do Círculo Polar Ártico, na Noruega. Algumas espécies de elefantes asiáticos se encontram extintos atualmente.

Caçar significava basicamente sobreviver na época antiga. Nenhum povoado poderia ser estabelecido sem a presença de caçadores. Os caçadores são os antigos guardiões das cidades, são a primeira milícia do mundo, formam o primeiro exército da história. A caçada é a base para invenção das armas, da lança, do escudo, do arco e flecha. Base para subsistência, antes da DOMESTICAÇÃO dos animais. Antes da existência da primeira guerra humana, já haviam guerreiros que lutavam contra bestas feras. A expansão de uma cidade no mundo antigo, o estabelecimento de rotas comerciais e estradas dependia da proteção contra ataques de leões, leopardos, ursos, tigres, elefantes. Essa visão de homens lutando contra bestas com armas rudimentares, gerou histórias fantásticas que geraram tradições orais e depois escritas. Os deuses do antigo Egito, os de creta, e os de inúmeras regiões eram também **CAÇADORES**. Órion ou Oriente (em grego: Ὠρίων, transl.: Óríōn), na mitologia grega, foi um gigante caçador, um dos melhores a serviço de Ártemis. Ele foi colocado por Zeus entre as estrelas na forma da constelação de Orion. Marte, divindade romana, assim como Perséfone, foram deuses caçadores, como dezenas de outras divindades africanas.

Em resumo, em algum momento da história, **dada a imperial necessidade de sobreviver num mundo de bestas-feras**, os caçadores foram ENGRANDECIDOS, CANTADOS, RELEMBRADOS, DIGNIFICADOS, assumiram postos de liderança e por fim foram DIVINIZADOS. A figura mítica do herói, **fundador de cidades**, líder, guerreiro, que tem a proteção divina, ou mesmo PARENTESCO com os deuses, é uma das bases da mitologia do reino.

DE HERÓI PARA MAGO, DE MAGO PARA REI

Na África, há evidências da **transformação de mágicos em reis**, e particularmente dos feiticeiros da chuva, são relativamente abundantes. Assim, entre os wambugwes, povo bantu da África oriental, a forma original de governo era a república familiar, mas o enorme poder dos feiticeiros, transmitido

hereditariamente, os elevou sem demora à condição de pequenos senhores ou chefes. Dos três chefes que viviam no país em 1894, dois eram muito temidos como magos, e a riqueza que possuíam em rebanhos foi quase totalmente recebida como presentes dados em retribuição a serviços prestados como magos. Sua arte principal era a de fazer chover.

Diz-se dos chefes dos ata-turus, outro povo da África oriental, que são apenas feiticeiros, sem qualquer poder político. E entre os wagogos, da África oriental alemã, o principal poder dos chefes, ao que consta, vem da sua arte de fazer chover. Se um chefe não puder fazer chover por si mesmo, deve então conseguir chuva com algum conhecedor da arte. Na poderosa nação massai, da mesma região, os curandeiros são por vezes os chefes, e o supremo chefe dessa raça é, quase invariavelmente, um poderoso curandeiro. Esses *laibon*, como são chamados, são ao mesmo tempo sacerdotes e médicos, hábeis na interpretação dos augúrios e dos sonhos, em afastar a má sorte e em fazer chover. **O chefe ou curandeiro supremo, que tem sido chamado de papa dos massais, não só deve fazer chover como também repelir e destruir os inimigos em guerra com seu povo por meio de suas artes mágicas.**

Em muitas outras partes do mundo, **os reis tinham a incumbência de regular o curso da natureza em benefício de seu povo e eram punidos se não o fizessem.** Parece que os citas costumavam pôr a ferros o seu rei quando os alimentos escasseavam. No Egito antigo, os reis sagrados eram responsabilizados pelas más colheitas, mas os animais sagrados também partilhavam da responsabilidade pelo curso da natureza. Quando a peste e outras calamidades assolavam a terra, em consequência de uma seca prolongada e rigorosa, os sacerdotes agarravam os animais à noite e os ameaçavam, mas se o mal não cedesse, abatiam-nos. Na ilha de coral Nue, ou ilha Selvagem, no sul do Pacífico, houve outrora uma linhagem de reis. Mas, como eram também sumos sacerdotes, devendo, portanto, promover a abundância de alimentos, o povo contra eles se irritava em épocas de escassez, e os matava, até que, tendo sido mortos um após outro, não havia mais ninguém para ser rei e a monarquia chegou ao fim. Mandato do Céu - A filosofia política tradicional chinesa dá grande valor ao Mandato do Céu. Segundo essa teoria, o céu favorecerá o imperador justo com paz e prosperidade, mas, se o governante não é favorecido com paz e prosperidade, então é claro que o céu o acha odioso. É perfeitamente aceitável, na verdade, até um dever sagrado, derrubar um imperador não favorecido pelo céu. Os antigos autores chineses nos contam que, na Coreia, sempre que chovia demais ou de menos e as plantações não amadureciam, a culpa era atribuída ao rei. Alguns coreanos eram a favor da deposição do rei, outros, da sua execução. O próprio imperador chinês é considerado responsável se a seca é demasiado severa, e são muitos os éditos de autocondenação sobre esse assunto, publicados nas páginas da veneranda Gazeta de Pequim. Em casos extremos, o imperador, vestido com roupas humildes, sacrifica aos céus e implora a sua proteção. Os toorateyas das Celebes do Sul sustentam que a prosperidade do arroz depende do comportamento de seus príncipes e que o mau governo — e entendem por isso um governo que não se conforme aos costumes antigos — provocará o fracasso das colheitas. Na época do rei sueco Domalde houve uma grave escassez que durou vários anos e não pôde ser aplacada pelo sangue de animais ou de homens. Por isso, numa grande assembleia popular, reunida em Uppsala, os chefes decidiram que o próprio Rei Domalde era a causa da escassez e devia ser

sacrificado para que a fartura voltasse. Por isso executaram-no e espalharam seu sangue pelos altares dos deuses. Também nesse caso diz a tradição que os suecos sempre atribuíram as boas ou más colheitas aos seus reis. No reinado do Rei Olaf houve uma grande escassez, e o povo o considerou culpado por ser muito comedido em suas oferendas. Reuniu um exército e marchou contra ele, cercou sua moradia e a incendiou, queimando-o com ela, "oferecendo-o a Odin como um sacrifício para conseguir boas colheitas".

Talvez o último resquício dessas superstições que perdurou em relação aos nossos reis ingleses foi a idéia de que podiam curar a escrofulose (uma inflamação **pelo toque**. Por isso, a doença tornou-se conhecida como o "mal do rei". A Rainha Elizabeth exercia com freqüência esse dom miraculoso de curar. No dia do solstício de verão de 1633, Carlos I curou uma centena de pacientes de uma só vez, na capela real, em Holyrood. Mas parece ter sido com seu filho, Carlos II, que o costume chegou ao auge. No dia 29 de maio de 1660, Carlos II retornou à pátria em triunfo, vindo do exílio, e, no dia 6 de junho, começou as curas da escrofulose.

Podemos ler então que os reis eram considerados como "divinos", enviados, separados pelos deuses, com responsabilidades espirituais que iam da cura até o controle atmosférico. Certa feita um rei da Assíria enviou um general de seu exército com grave doença, reconhecida como lepra pelos israelitas, até o rei Acabe para que esse pudesse curá-lo, porque os assírios entendiam que Acabe deveria ser um rei com poderes de cura, um rei curandeiro, tendo em vista que não conheciam o ministério profético e diante de sua religião e dos relatos dos milagres que haviam ocorrido em Israel somente um sei-sacerdote poderia ter condições de realizar tais sinais – para eles a representação máxima de poder terreno e espiritual na terra era a de um rei-sacerdote, ou rei-mago.

Em algum instante essa "eleição a realeza" tomou contornos espirituais, que poderiam ser de ordem sacerdotal, mágica ou profética. A eleição de um ser humano ao cargo de "chefe" da comunidade foi precedida de sinais divinatórios. Ou mesmo, celestiais. Na medida que o ser humano iniciou o processo de "divinização dos mortos" tornou em "deuses" os espíritos dos antepassados. Em algum momento os Xamãs ouvindo vozes, tendo sonhos, iniciaram a "separar" uma família, escolhida para reinar. Em outro instante da história essa família escolhida invocou para si mesma o status de excelência espiritual, e até mesmo o conceito de parentesco divino. A legitimação, a perpetuação do poder sobre um crescente grupo de pessoas era possível porque a DIGNIDADE de determinada família se dava porque seus antepassados não eram de origem humana. Muitos reis das civilizações da antiguidade se diziam descender dos deuses protetores ou principais de uma nação. Logo o faraó descendia de Rá ou Hórus, o rei persa descendia de Aquiles, o rei Japonês da deusa Amaterasu. Os nobres de Esparta



CONCEITO DE ASCENDÊNCIA DIVINA

A família real era assim consagrada aos deuses protetores da nação, possuíam uma ascendência mítica que se iniciava nos deuses.

Júlio César nasceu em uma família [patrícia](#), a [gente Júlia](#), que afirmava ser descendente de [Ascânio](#), filho do legendário [troiano Eneias](#), que por sua vez era, segundo a mitologia romana, filho da deusa [Vênus](#).
Caio Júlio César (100 – 44 a.C.), por exemplo, tinha a firme crença, como outros imperadores, que seu direito de governar vinha de sua descendência direta dos deuses, ou seja, além da herança de sangue, ele governava por direito divino: *“Minha tia Júlia é descendente de reis por parte de família de sua mãe; por parte da família de seu pai encontram-se ligados os deuses imortais (...) os Júlios, antepassados de nossa família, são descendentes de Vênus. Desta forma, misturam-se a nossa raça a santidade dos reis que exercem tão poderosa influência sobre os homens, e a majestade dos deuses, que mantêm debaixo de sua autoridade os próprios reis”*

Quanto ao ato de se nomear, ou do cidadão ser indicado a cargos públicos, são várias as passagens que encontramos em Suetônio. As mais reveladoras estão nos capítulos dedicados a Calígula e ao seu sucessor, Cláudio (Nero Cláudio César; que viveu do ano 37 ao ano de 68 depois de Cristo), que era considerado um imbecil e, mesmo assim, exerceu vários cargos públicos, inclusive o de imperador, aos 50 anos de idade, após a morte de seu antecessor, Calígula, consolidado na história como louco.

Escreve Suetônio sobre ascensão Cláudio, ainda antes de obter o cargo máximo do Império:

“Sob a autoridade de Caio, filho de seu irmão, que no início de seu reinado procurava por meio de toda espécie de obséquios fazer-se uma reputação favorável, alcançou as honras e exerceu o consulado com ele durante dois meses. No entanto, a primeira vez que se dirigiu ao Fórum com os fasces, uma águia pousou na sua espádua direita. Dessa forma, foi designado pela sorte para exercer, ao termo de quatro anos, um segundo consulado”³

A obra de Suetônio também revela os movimentos políticos, sociais e culturais da sociedade romana no período compreendido entre o final da República e os primeiros anos do Império. Entre o relato da vida pública e particular também é possível localizar aspectos da relação de Júlio César com a religião romana.

A parte da obra em que Suetônio narra a infância e o início da juventude de César, bem como o prólogo, se perdeu com o tempo. O relato inicia com César já jovem, com dezesseis anos e já enredado na vida pública. Da narrativa, percebemos César envolto, para além das conquistas militares, em rituais fúnebres, festivais de diversas finalidades, ritos de sacrifícios e sonhos prodigiosos.

Durante a questura, pronunciou, como era de costume, o elogio fúnebre de sua tia Julia e da esposa Cornélia nos rostros. E no **panegírico** da tia disse o seguinte a respeito da ascendência dupla dela e de seu próprio pai: “ Do lado materno minha tia Julia descende de reis, e o paterno está ligado aos deuses imortais. Com efeito, os Márcios Reis, e esse foi o nome de sua mãe, vêm de Anco Márcio e de Vênus provêm os Julios a cuja gente pertence a nossa família. Há pois, no nosso sangue a sacralidade dos reis que têm poder entre os homens, e a santidade dos deuses, de cujo poder dependem os reis.”

Muitas lendas envolvem o nascimento e infância de Alexandre.^[6] De acordo com o biógrafo grego [Plutarco](#), Olímpia, na noite da consumação do seu casamento com Filipe, sonhou que seu útero fora atingido por um [raio](#). É dito que Filipe, em um sonho um tempo após o casamento, viu-se segurando o útero de sua esposa marcando-o com um [selo](#) gravado com uma imagem de leão.^[7] Plutarco deu várias interpretações a este sonho: talvez que Olímpia estivesse grávida antes do casamento, indicado pelo selo gravado em seu útero; ou que Alexandre fosse filho do deus [Zeus](#). Analistas antigos dizem que uma ambiciosa Olímpia pode ter propagado a história da origem divina de Alexandre

A doutrina do Direito Divino influenciou tremendamente as dinastias europeias.

Ao longo da história, o termo **Rei** foi utilizado para governantes de pequenos territórios que comandam seus povos. O equivalente do termo aparece em várias outras línguas. Os [sumérios](#) usavam o termo **Lugal**, os semíticos usavam **Sharrum**, em latim era **Rex**, em grego **Basileus**, em sânscrito **Rajá** e em alemão **Kuningaz**

Legitimação do reino

Então o rei era legitimado por uma escolha divina, sua dignidade era fornecida por meio de parentesco com os deuses por parte de antigos ancestrais, sua sagração era acompanhada de sinais celestes, movimentos de astros, sinais da

natureza ou acontecimentos tidos como não naturais, essa eleição precedida ou acompanhada por interpretação de oráculos, sonhos, artes divinatórias (jogos com ossos marcados, dados, pedras, conchas, cinzas, brasas, tripas de animais, formato das nuvens, mudanças atmosféricas, eclipses, etc). Porém uma vez legitimado o "escolhido" tornava a toda sua família "separada". Essa separação era consagratória, ou sacralizante, significa que a família do rei se tornava "santa", "sagrada". Essa "sagração" tinha efeitos até nos parentes diretos mortos. Os mortos, recebiam agora um novo status, e logo os "espíritos familiares" ou guardiões domésticos se tornariam importantíssimos. A linhagem real descenderia dos deuses, as datas de nascimento e morte dos antepassados agora seriam fundamentais nas celebrações dos ritos funerários da família real. Esse sacro, ou sagrado limitava contato humano, contato físico, questões de alimentação, ou até casamentos.

O reino da antiguidade possui então um caráter de "sagrado".

O rei por sua vez considerava-se não somente um "agraciado" ou "escolhido", usando sua *ascendência divina* muitas vezes

Suetônio, senador e historiador romano descreveu em detalhes sobre a auto-divinização de Calígula nestes termos:

"Após haver emitido ordens para que se transportassem da Grécia as estátuas das divindades mais célebres, não só pelo respeito que os povos lhes dedicavam, mas também pela sua beleza artística – entre outras a de Júpiter Olímpico –, cortou a cabeça desta e colocou a sua em substituição. Prolongou até o Fórum uma parte do seu palácio e, transformado em vestíbulo o templo de Cástor e Pólux, aí se sentava, muitas vezes, entre os deuses irmãos e **se oferecia à adoração dos visitantes**. Alguns chegavam, mesmo, a saudá-lo pelo nome de "Júpiter Lacial". Instituiu, também, um templo especialmente consagrado à sua divindade com sacerdotes e vítimas as mais singulares. Havia no templo uma estátua de ouro, ao natural, que era vestida todos os dias como ele próprio se vestia. Os mais ricos cidadãos adquiriam, alternativamente, à força de intrigas e de leiões, a dignidade de grande sacerdote. As vítimas eram papagaios, pavões, galos e galinhas da Numídia, gali nhas de Angola, faisões, os quais eram imolados diariamente e de maneira sempre diversa. Nas noites de lua cheia, dedicava-se assiduamente aos abraços e à cama. Durante o dia, entretinha-se secretamente com Júpiter Capitolino, ora falando-lhe ao ouvido, ora escutando-o por sua vez, ora gritando e discutindo. Certa feita saiu-lhe da boca esta ameaça: "Ou tu me levas, ou eu te levo".

MINISTÉRIO DA MAGIA

Todos os reinos da Antiguidade possuíam uma espécie de "ministério da magia, dos magos ou dos ritos" em seu conceito administrativo. Uma vez que a família real, do imperador, do monarca, do príncipe, era tida como sagrada, esperava-se que sua conduta fosse guiada pelos deuses, influenciada pelos poderes celestiais, independentemente como "os céus" eram assim considerados. Cada civilização antiga teve seu conceito do "celestial" ou do celeste, cada região celestial refletia a cultura desta civilização. Fosse o palácio do imperador de Jade, da cosmologia

chinesa, a região celestial de Amaretasu da cosmologia Japonesa, o cosmos planetário grego/romano onde Venus, Marte, Zeus, habitavam em forma celeste, seja o celestial egípcio representado pela deusa Nuit, e as regiões da morte representada por Osíris, onde ambos influenciavam a vida do faraó.

A UNIDADE DO REI COM A TERRA

O soberano e cosmos estavam conectados, interligados. O que acontecia nos céus repercutia na vida da família do imperador. A astronomia e a astrologia eram na antiguidade as duas faces da mesma coisa. Se o destino da família real dependia das estrelas, que se moviam pela vontade dos deuses, ou eram os próprios deuses, seria impossível não observar atento tais movimentos. Viver e morrer estava assim escrito nas estrelas, e as datas auspiciosas, ou favoráveis para todos os atos reais deveria ser respeitada. Havia época determinadas para concepção, para o casamento, para o noivado, para proclamar a paz, para condenar, para absolver, para fazer a guerra. O ministério dos ritos organizava os eventos da família real, centenas deles, relacionados com as datas auspiciosas. Como os reis dependiam dos ancestrais igualmente sagrados, na medida que o "reino" envelhecia, ou a medida que a família real se mantinha no poder, mais mortos iam se somando na linha sucessória, e mais datas eram comemoradas, ou celebradas. O ministério dos ritos necessitava organizar as celebrações funerárias aos ancestrais, as celebrações por acordos internacionais, as festas de noivado, casamento, ritos de passagem para a vida adulta, as vitórias nas guerras, as celebrações das obras de memória, ou memoriais que os reis iam criando para sua aumentar sua majestade ou honra pessoal. A cada conquista, bustos, celebrações, estátuas, murais em baixo relevo, pinturas, emissão de moedas, símbolos, etc. Que iam sendo colocados em locais de grande visitaçã, para glorificação do soberano. Em algumas nações antigas, tais como Roma, tais estátuas eram erigidas para serem adoradas, reverenciadas, nos famosos cultos aos imperadores. Nos portos diversos das cidades costeiras dominadas por Roma, Poseidon foi se tornado somente mais uma das divindades adoradas, quando os portos romanos começaram a ser consagrados aos imperadores.

Podemos ler então que os reis eram considerados como "divinos", enviados, separados pelos deuses, com responsabilidades espirituais que iam da cura até o controle atmosférico. Certa feita um rei da Assíria enviou um general de seu exército com grave doença, reconhecida como lepra pelos israelitas, até o rei Acabe para que esse pudesse curá-lo, porque os assírios entendiam que Acabe deveria ser um rei com poderes de cura, um rei curandeiro, tendo em vista que não conheciam o ministério profético e diante de sua religião e dos relatos dos milagres que haviam ocorrido em Israel somente um sei-sacerdote poderia ter condições de realizar tais sinais – para eles a representação máxima de poder terreno e espiritual na terra era a de um rei-sacerdote, ou rei-mago.

O peso da realeza (G Frazer)

Num certo estágio da sociedade antiga, era comum considerar que o rei ou o sacerdote fossem dotados de poderes sobrenaturais ou que fossem a encarnação de uma divindade e, de acordo com essa crença, supunha-se que o curso da natureza estivesse mais ou menos sob o seu controle, razão pela qual eram

considerados responsáveis pelo mau tempo, pelas más colheitas e calamidades semelhantes. Parece que, até certo ponto, existia a suposição de que os poderes do rei sobre a natureza, como o poder sobre seus súditos e escravos, se exercia através de atos claros de sua vontade e, portanto, se havia seca, escassez, peste ou tempestade, o povo atribuía o infortúnio à negligência ou culpa do seu rei, e o castigava devidamente, açoitando-o e amarrando-o e — caso ele permanecesse insensível — depondo-o e matando-o. Mas, por vezes, se supunha que o curso da natureza, embora considerado como dependente do rei, era parcialmente independente de sua vontade: sua pessoa é considerada, se assim podemos dizer, como o centro dinâmico do universo, do qual se irradiam linhas de força para todos os cantos dos céus, de modo que qualquer movimento do rei — o voltar da cabeça, o erguer da mão — afeta de imediato e pode perturbar seriamente alguma parte da natureza. Ele é o ponto de apoio do qual depende o equilíbrio do mundo, e a menor irregularidade de sua parte pode perturbar esse delicado equilíbrio. Impõe-se, portanto, o maior cuidado, tanto do rei consigo mesmo como de seus súditos no trato com ele. Toda a sua vida, nos mínimos detalhes, deve ser regulada de modo que nenhum ato seu, voluntário ou involuntário, possa modificar ou perturbar a ordem estabelecida da natureza. O micado ou dairi, o imperador espiritual do Japão, é, ou melhor, era o exemplo típico dessa classe de monarcas. Ele é a encarnação da deusa do sol, a divindade que governa o universo, inclusive os deuses e os homens. Uma vez por ano, todos os deuses vêm servi-lo, e passam um mês na sua corte. Durante esse mês, cujo nome significa "sem deuses", ninguém freqüenta os templos, pois acredita-se que estejam vazios. O micado recebe de seu povo, e adota nas suas proclamações oficiais e nos seus decretos o título de "divindade manifesta ou encarnada" (akitsu kami) e se arroga uma autoridade geral sobre os deuses do Japão. Por exemplo, num decreto oficial do ano de 646, o imperador é descrito como "o deus encarnado que governa o universo".

No reino do Congo, na África ocidental, havia um sumo pontífice chamado chitóme, ou chitombé, considerado pelos negros como um deus na terra e todopoderoso no céu. Assim, antes que qualquer outro os provasse, os primeiros frutos da temporada lhe eram oferecidos, pelos súditos receosos das múltiplas infelicidades que se abateriam sobre eles se desobedecessem a essa lei. Quando ele deixava sua residência para visitar outros lugares sob sua jurisdição, os casais tinham de observar uma abstinência rigorosa durante todo o tempo em que estivesse fora, pois se achava que qualquer ato de incontinência lhe seria fatal. E se ele morresse de morte natural, acreditava-se que o mundo pereceria, e a terra — que, sozinho, conservava apenas com seu poder e medito — seria imediatamente aniquilada. Da mesma forma em Humbe, um reino de Angola, a incontinência dos jovens na puberdade constituía crime capital, porque se acreditava que isso provocaria a morte do rei naquele mesmo ano. Mais recentemente, a pena de morte foi comutada por uma multa de dez bois, imposta a cada um dos culpados. Essa comutação atraiu milhares de jovens dissolutos a Humbe, procedentes das tribos vizinhas, entre as quais a pena de morte ainda é observada com rigor.

Em qualquer lugar, como no Japão ou na África ocidental, onde se suponha que a ordem da natureza e mesmo a existência do mundo dependem da vida do rei ou do sacerdote, é claro que este deve ser considerado pelos seus súditos como uma fonte tanto de infinitas bênçãos como de perigo não menos infinito. De um

lado, deve-se- lhe o agradecimento pela chuva e pelo bom tempo propícios aos frutos da terra, pelo vento que leva os navios ao litoral e mesmo pelo chão firme que o homem tem sob seus pés. Mas aquilo que o rei dá, também pode recusar, e tão grande é a dependência em que a natureza se encontra de sua pessoa, tão delicado o equilíbrio do sistema de forças do qual ele é o centro, que a menor irregularidade de sua parte pode provocar um tremor que abalará os alicerces da terra. E, se a natureza é perturbada pelo menor ato involuntário do rei, é fácil imaginar a agitação que a sua morte não provocará. A morte natural do chitomé, era considerada como equivalente à destruição de tudo. Evidentemente, portanto, é com vistas à sua própria segurança, que podia ser posta em risco por qualquer ato impensado e mais ainda pela morte do rei ou do sacerdote, que o povo exigirá do rei ou do sacerdote a obediência rigorosa às regras cuja observação é considerada necessária à sua preservação, e conseqüentemente à preservação de seu povo e do mundo. A idéia de que os reinos antigos eram despotismos nos quais o povo existia apenas para o soberano é totalmente inaplicável às monarquias de que falamos. Pelo contrário, nelas o soberano existe apenas para os seus súditos: sua vida só tem valor enquanto ele desempenha as funções de sua posição, ordenando o curso da natureza em benefício de seu povo. Tão logo ele se mostra incapaz disso, o zelo, a devoção, a homenagem religiosa que até então lhe haviam sido dispensados cessam e se transformam em ódio e desprezo. Ele é afastado vergonhosamente, e deverá sentir-se grato se escapar vivo. Venerado como deus num dia, é abatido como um criminoso no dia seguinte. Mas não há, nessa modificação do comportamento do povo, nada de caprichoso ou de incoerente. Pelo contrário, sua conduta é perfeitamente lógica. Se o rei é o seu deus, é, ou deveria ser, capaz também de ser seu protetor; se não for capaz de proteger seu povo, deve dar lugar a outro que tenha condições de fazê-lo. Mas enquanto o rei corresponder às expectativas de seus súditos, não há limite ao cuidado que estes têm com ele e que o forçam a ter para consigo mesmo. Um rei desse tipo vive cercado por uma etiqueta cerimoniosa, por uma rede de proibições e observações que não visam a contribuir para a sua dignidade, e muito menos para seu conforto, mas a impedir que ele se comporte de modo a que, perturbando a harmonia da natureza, possa acarretar para si, para seu povo e para o universo uma catástrofe.

Dos tabus impostos aos sacerdotes, podemos encontrar um exemplo notável nas regras de vida determinadas para o flamen dialis, um dos flâmines de Roma, que tem sido interpretado como a imagem viva de Júpiter ou uma materialização humana do espírito do céu. Essas regras eram as seguintes: o flamen dialis não podia montar ou tocar um cavalo, nem ver um exército em armas, nem usar um anel que não estivesse quebrado; não podia haver nó em qualquer parte de suas vestes; nenhum fogo, exceto o fogo sagrado, podia ser retirado de sua casa; não podia tocar farinha de trigo ou pão fermentado; não podia tocar, e nem mesmo mencionar, um bode, um cão, carne crua, favas e hera; não podia passar sob uma parreira de uvas; os pés de sua cama tinham de ser sujos de lama; seu cabelo só podia ser cortado por um homem livre e com uma faca de bronze; seus cabelos e unhas, quando cortados, tinham de ser enterrados sob uma árvore da sorte; não podia tocar um corpo morto nem entrar num lugar onde um cadáver estivesse sendo incinerado; não podia ver um trabalho ser realizado em dias sagrados; não podia ficar à descoberto ao ar livre; se um homem amarrado fosse

levado à sua casa, o cativo teria de ser desamarrado e as cordas tinham de ser retiradas por um buraco no teto e levadas dessa forma para a rua.

A VIDA CERIMONIAL DOS REIS

Os reis da antiguidade reuniam muitas vezes a função sacerdotal ou mágica às suas responsabilidades como soberano. Os reis simbolizavam a ordem divina estabelecida na terra, os céus da antiguidade refletiam a ordem social vigente, e a estrutura dos governos de inúmeros povos, seus palácios, os dignitários e dignidades, os oficiais e as relações de poder e hierarquia das potências, potestades ou reinos da antiguidade refletiam o modo como se imaginava que as muitas divindades governavam a natureza. A família real antiga gozava de privilégios porque assumia para si uma ascendência divina, mítica que os relacionava aos deuses a quem serviam, ou que escolheram e que de certo modo, representavam. Não existia império ou organização política da antiguidade que não reivindicasse ou vindicasse seu poder como instituído de algum modo pelos poderes espirituais representados pelos deuses públicos ou nacionais, a maior parte regionais, que administravam os assuntos espirituais de um determinado clã, povo ou nação. Por isso os reis e sua família eram tido como intocáveis, dignos de veneração e mesmo adoração, possuidores dos bens e das propriedades, ou da maior parte ao menos, dos habitantes de uma nação. Muitas vezes eram também senhores da vida e da morte, juízes máximos e com poderes inquestionáveis, tendo o domínio sobre uma nação onde até os que nela viviam eram também considerados como propriedade real. Sendo súditos e também bens, propriedade do rei o mesmo podia usar ou obrigar a qualquer pessoa a submeter-se a sua vontade e mesmo entregar sua vida, sendo a obediência ao rei uma obrigação acima de todas as obrigações, mesmo das familiares. O caráter mítico da família real da antiguidade lhe legava responsabilidades que eram também sacerdotais e mágicas. Por serem representantes maiores ou mais importantes entre os deuses e os homens, recaía sobre a maioria o sucesso ou a tragédia da comunidade. A natureza e sua ordenação, seu perfeito funcionamento estava conectado aos atos reais, à dignidade do rei e a nobreza de seus atos, assim como dos membros da família real. A chuva, a pesca, a boa colheita e até a saúde pública era fruto da benção sobre o soberano ou da maldição por ele lançada sobre a nação em virtude do não cumprimento de intrincados rituais. A perfeição espiritual do rei estava atrelada aos rituais prescritos, ao tipo de conduta pré-estabelecido por ordenação mágica ou religiosa da comunidade a que pertencia, não podendo se esquivar desses deveres rituais, para que a desgraça, a má-sorte, a praga, a ira das divindades ou o poder dos demônios assolasse uma nação. A vida do rei da antiguidade era regida por centenas de "tabus" ou atos mágicos proibidos. No caso de um rei, o tabu preserva a sua vida em benefício da sociedade, mas, ao mesmo tempo, protege a sociedade das emanações do poder mágico do rei que poderiam afetá-la, segundo o princípio de contágio. A "santidade" relativa dos reis era ritualística, ou seja, um rei era consagrado a determinadas divindades tutelares, as quais devia respeito e comunhão espiritual, esse elo era fortalecido por participação em festas e celebrações especiais e em manjares oferecidos aos deuses de um tipo de comida preparada especialmente para essa finalidade, por meio de

“sacerdotes padeiros, confeitadores e cozinheiros”, a culinária nasce na verdade dentro dos templos pagãos da antiguidade. Os romanos, como outros povos, atribuíam à imoralidade sexual tendência a prejudicar os frutos, tanto da terra como do ventre. Essa dedução é fortalecida por um preceito estabelecido por austeros autores romanos, segundo o qual os padeiros, cozinheiros e mordomos deviam ser rigorosamente castos, porque era extremamente importante que a comida e as vasilhas fossem manuseadas por pessoas que se encontrassem na puberdade ou, pelo menos, por pessoas que raramente praticassem sexo. Por isso, se um padeiro, um cozinheiro ou um mordomo violasse essa regra de continência, tinha o dever imperioso de lavar -se num rio, ou em alguma outra água corrente, antes de voltar aos seus afazeres profissionais. Mas, para esse gênero de atividades, eram preferidos os serviços de um menino ou de uma virgem.

As mesas preparadas para os deuses tinham alimentos separados, similares aos perfumes do tabernáculo no quesito de preparo e exclusividade, um tipo de “comida divina”, ofertas de alimentos com especiarias para exclusivo uso cerimonial, do qual somente determinados sacerdotes e os reis, ou quem eles permitissem, poderiam participar. Por “santidade relativa” digo que a perfeição espiritual esperada dos reis não era fruto da piedade, bondade, misericórdia ou virtudes espirituais elevadas, ela era produzida por cumprir cabalmente as práticas e atitudes sagradas, ritos que eram dramatizações ou atos de caráter profético que lhes eram atribuídos realizar. Aos olhos das nações da antiguidade, ainda não desvinculado poder político terreno do poder espiritual, como as nações modernas a partir da idade média, os céus estavam ligados a terra através dos atos reais que refletiam na esfera das coisas criadas o que faziam. Deles dependia a chuva, a colheita, a caça, a vitória na guerra, a saúde pública, a preservação contra poderes espirituais, etc. G. Frazer cita que essa era a razão de que a vida dos reis da antiguidade era cercada de rituais. O próprio título ‘faraó’, aliás, parece corroborar a imagem negativa; a palavra grega pharaó, com efeito, é tradução do egípcio per-aa, que significa ‘casa grande’ ou ‘a maior casa’. Eles não eram pessoas normais, mas homens que compartilhavam da essência do divino, e sabiam muito bem disso. Diante do rei o súdito tinha de prostrar-se no chão (“estendi-me sobre meu ventre e perdi os sentidos diante dele”, e também “os governantes de Medja, Irtjet e Uauat beijaram a terra e aclamaram grandemente” o rei) ou dobrar-se respeitosamente (conselheiros “curvados sobre seus ventres diante de Sua Majestade”). **Sofreria punição quem tocasse, mesmo involuntariamente, na pessoa do rei**, e este fato era tão extraordinário que mereceu o registro na tumba do sacerdote Ra-ur, que viveu durante a quinta dinastia. Certa vez ele participava de uma cerimônia na qual estava presente o faraó Nefer-ir-ka-Ra e de repente a maça do rei tocou por acaso em sua perna, mas o soberano interveio a seu favor e ordenou: “Minha Majestade deseja que ele passe muito bem, de modo que nada de mau lhe aconteça!”. Beijar o pé do faraó, portanto, seria considerado suprema honraria, sinal de grande prestígio, como sucedeu com Ptah-nash, vizir do mesmo Nefer-ir-ka-Ra: “Quando Sua Majestade viu que beijaria a terra, Sua Majestade disse: - Não bejes a terra, beija meu pé”. Ao ouvirem isso, “os filhos do rei e os cortesãos que estavam no palácio tremeram de medo”. E complicado para nosso entendimento moderno imaginar um personagem que compartilhava ao mesmo tempo da esfera divina e da humana; ele era um deus e como tal recebia culto após a morte e não raro mesmo

em vida, mas também todos sabiam que tinha nascido e iria morrer como qualquer ser humano. O egípcio antigo, no entanto, em muitos pontos não pensava e não agia como nós, em particular na apreensão do funcionamento dual do cosmo, que não podia ser concebido senão em termos de parênteses: ordem e caos, fértil e desértico, solar e ctônico, pares de deuses, luz e trevas etc. Tal dualidade significaria para nós elementos contrapostos e contraditórios entre si, mas o egípcio concebia em amálgama complexo esses elementos, que só faziam sentido quando considerados em conjunto e em termos de complementaridade. Assim, o faraó operava na Terra como indivíduo humano entre os humanos, mas só ele detinha uma função própria dos deuses como encarregado de manter a ordem cósmica: podia falhar como homem, mas não como deus. Sua apresentação oficial continuava idealizada e assim tinha de ser, porquanto a estabilidade e a harmonia cósmicas dependiam dessa imagem formalizada para ser eterna: enquanto a imagem fosse a mesma, eterna porque feita sob cânones inviolados, tudo seria o mesmo, sob a garantia do faraó em sua função divina. (Pobres faraós divinos – Emanuel Araujo).

Entre os wagogos, da África oriental alemã, o principal poder dos chefes, ao que consta, vem da sua arte de fazer chover. Se um chefe não puder fazer chover por si mesmo, deve então conseguir chuva com algum conhecedor da arte. Na poderosa nação massai, da mesma região, os curandeiros são por vezes os chefes, e o supremo chefe dessa raça **é, quase invariavelmente, um poderoso curandeiro**. Esses "laibon", como são chamados, são ao mesmo tempo sacerdotes e médicos, hábeis na interpretação dos augúrios e dos sonhos, em afastar a má sorte e em fazer chover. O chefe ou curandeiro supremo, que tem sido chamado de papa dos massais, não só deve fazer chover como também repelir e destruir os inimigos em guerra com seu povo por meio de suas artes mágicas. Em muitas outras partes do mundo, os reis tinham a incumbência de regular o curso da natureza em benefício de seu povo e eram punidos se não o fizessem. Parece que os citas costumavam pôr a ferros o seu rei quando os alimentos escasseavam.

No Egito antigo, os reis sagrados eram responsabilizados pelas más colheitas, **mas, os animais sagrados também partilhavam da responsabilidade pelo curso da natureza**. Quando a peste e outras calamidades assolavam a terra, em consequência de uma seca prolongada e rigorosa, os sacerdotes agarravam os animais à noite e os ameaçavam, mas se o mal não cedesse, abatiam-nos. Na ilha de coral Nue, ou ilha Selvagem, no sul do Pacífico, houve outrora uma linhagem de reis. Mas, como eram também sumos sacerdotes, devendo, portanto, promover a abundância de alimentos, o povo contra eles se irritava em épocas de escassez, e os matava, até que, tendo sido mortos um após outro, não havia mais ninguém para ser rei e a monarquia chegou ao fim. Mandato do Céu - A filosofia política tradicional chinesa dá grande valor ao Mandato do Céu. Segundo essa teoria, o céu favorecerá o imperador justo com paz e prosperidade, mas, se o governante não é favorecido com paz e prosperidade, então é claro que o céu o acha odioso. É perfeitamente aceitável, na verdade, até um dever sagrado, derrubar um imperador não favorecido pelo céu. Os antigos autores chineses nos contam que, na Coréia, sempre que chovia demais ou de menos e as plantações não amadureciam, a culpa era atribuída ao rei. Alguns coreanos eram a favor da deposição do rei, outros, da sua execução. O próprio imperador chinês é

considerado responsável se a seca é demasiado severa, e são muitos os éditos de autocondenação sobre esse assunto, publicados nas páginas da veneranda Gazeta de Pequim. Em casos extremos, o imperador, vestido com roupas humildes, sacrifica aos céus e implora a sua proteção. Os toorateyas das Celebes do Sul sustentam que a prosperidade do arroz depende do comportamento de seus príncipes e que o mau governo — e entendem por isso um governo que não se conforme aos costumes antigos — provocará o fracasso das colheitas. Na época do rei sueco Domalde houve uma grave escassez que durou vários anos e não pôde ser aplacada pelo sangue de animais ou de homens. Por isso, numa grande assembléia popular, reunida em Uppsala, os chefes decidiram que o próprio Rei Domalde era a causa da escassez e devia ser sacrificado para que a fartura voltasse. Por isso executaram-no e espalharam seu sangue pelos altares dos deuses. Também nesse caso diz a tradição que os suecos sempre atribuíram as boas ou más colheitas aos seus reis. No reinado do Rei Olaf houve uma grande escassez, e o povo o considerou culpado por ser muito comedido em suas oferendas. Reuniu um exército e marchou contra ele, cercou sua moradia e a incendiou, queimando-o com ela, "oferecendo-o a Odin como um sacrifício para conseguir boas colheitas".

A SACRALIDADE, A SANTIDADE REAL

Tais considerações conduziavam a família real a um patamar de simbologias e protocolos únicos. Os príncipes e princesas participavam dessa dignidade ou separação desde pequenos, a família real era também uma família divina, logo não poderia se comportar como as demais famílias terrenas. Tudo que faziam estava elevado a um patamar de sacralidade, ou santidade diferente da proposta pela Lei Mosaica, e reclamada da conduta religiosa dos sacerdotes levitas a posterior, quando o judaísmo transforma a essência espiritual em RITUALISMO morto. A santidade ou essa consagração aos deuses era vista através de práticas rituais. Cumpriam-se milhares de ritos vazios, mas de caráter mágico, simbólico, e a perfeição espiritual dos reis era visto não por sua ética, ou compaixão, antes por cumprirem detalhadamente os ritos religiosos ou mágicos que deles se esperava cumprir. Há uma sombra de realidades espirituais difusas na conduta ritual dos reis antigos, que sem a condução do Espírito Santo, realizam atos ou dramaturgias míticas que simbolizam a verdadeira santidade. Isso era uma escravidão a preceitos, normas de conduta e padrões de comportamento teatralizados com intuito de simular uma natureza divina, superior, especial. Na antiguidade eram rituais mágicos, intimamente relacionado as divindades tutelares, porém, a partir da dominação romana, uma série de atos desprovidos de intenção religiosa, porém com forma religiosa, usados como ferramenta de endeusamento dos césaes. Roma atinge o apogeu da decadência do comportamento sagrado que se esperava dos reis.

A ASCENDÊNCIA DIVINA

O Mandato do Céu (天命, em Pinyin: Tiānmìng) é um conceito filosófico chinês tradicional a respeito da legalidade dos líderes (inicialmente reis, posteriormente imperadores). Segundo este conceito, o céu abençoaria a autoridade de um líder

justo, mas ficaria desgostoso com um líder despótico e retiraria seu mandato. O mandato do céu, então, se transferiria para aqueles que governassem melhor. O mandato do céu é similar à noção europeia do direito divino dos reis. Ambos procuraram legitimar sua liderança pela aprovação divina

Segundo a tradição, os antecessores dos faraós foram os “espíritos semidivinos”. Os faraós dinásticos e pré-dinásticos eram concebidos como ligações de uma grande cadeia de governantes divinos. Antes das dinastias humanas, houve dinastias divinas.

A legitimação da família real poderia ser fruto de um oráculo, de uma mitologia, de uma profecia, da vontade dos deuses manifesta pela boca de um sacerdote.

A SEMENTE REAL

Logo a preservação da descendência real, a legitimidade dos filhos era uma necessidade essencial. As mulheres dos reis da antiguidade, eram trancadas, separadas em casas de mulheres ou palácios dedicados. Homens de confiança que tinham sido castrados supervisionavam os aposentos das mulheres, ou haréns, dos reis. Por exemplo, os eunucos Hegai e Saasgaz serviam como guardiões das esposas e concubinas do rei persa Assuero, provavelmente Xerxes I. — Ester 2:3, 14. Sua figura, ainda que pareça exótica, foi uma presença importante em boa parte de sociedades por todo mundo. Foram conhecidos em Roma, na Grécia, no norte da África e através de todo Oriente Médio. No Império Bizantino, tornar-se eunuco era uma forma de atingir e assegurar posições de prestígio dentro da sociedade (RUNCIMAN, 1961). Grande parte dos Patriarcas de Bizâncio eram eunucos, e por toda sua história o império herdeiro de Roma contou com grandes Generais eunucos em sua hierarquia militar, como Narses, que serviu sob o governo de Justiniano I. Na Índia, ajudantes eunucos estiveram presentes junto aos governantes do Grande Império Mogul, e aos marajares dos Estados reais da Índia, mesmo durante a dominação britânica no século XX. Intimamente dentro do palácio, convivendo muito próximo das esposas e concubinas do imperador, sem colocar a legitimidade da linhagem imperial em risco.

O fato do rei poder ter muitas mulheres significava que teria inúmeros filhos no palácio. E também muitos pretendentes ao trono. Havia uma disputa aberta ou dissimulada pelo poder para que o filho eleito, que poderia não ser o primogênito em ordem de nascimento, mas o primeiro herdeiro de uma determinada esposa, o que poderia gerar inúmeras consequências para as demais esposas não escolhidas, dado a rivalidade natural que havia entre as esposas e entre os filhos que lutavam para possuir a maior proximidade ou valor diante da majestade.

A LUTA DAS ESPOSAS PELA PROEMINÊNCIA

O vencedor leva tudo

Em muitas dinastias a vitória ou derrota da eleição significaria o desterro, a perda de direitos e em casos extremos, o risco de vida e mesmo a morte de todos os familiares que estivessem na linha sucessória. A morte rondava os palácios e a tragédia as famílias dos soberanos, como podemos ver nas Escrituras no caso de Davi e Absalão, Salomão e seus irmãos, ou Abimeleque e o assassinio de toda a sua parentela. A rainha-mãe teria um papel notável, ou terrível como de Atalia e Jezabel descrito no livro de Crônicas.

AS PRINCESAS

As princesas eram a alegria do palácio, menos afetadas pelas disputas, mas sofreriam o destino das mães desterradas ou abandonadas dependendo da escolha dos reis. Eram protegidas pelos irmãos, sendo que haviam laços profundos dos irmãos consanguíneos, criados ou guardados pela rainha-mãe ou pela esposa do rei, já que sua mãe pode não ter alcançado o status de "predileta" ou "escolhida" como principal. Essa situação de "principal" entre as esposas do rei poderia ser modificada durante o decorrer dos anos. Numa situação de comunhão e convivência pacífica entre os inúmeros filhos e filhas, príncipes e princesas de uma dinastia, o ambiente era muito festivo, existindo incomum alegria. As terras e propriedades de uma nação pertenciam ou poderiam ser usadas prioritariamente pela família real. Tinham artesãos, construtores, farta mão de obra servil ou escrava, provisões, roupas, alimentos, vinho, especiarias e presentes enviados por todas as partes da nação. Representavam a mais rica das famílias de um determinado reino, morando nas mais excelentes residências. Uma gigantesca família real já era quase um "feudo" separado, suas fazendas, propriedades, jardins e até cidades eram locais bem cuidados, continuamente embelezados por jardineiros. Os animais que compunham o rebanho real eram os mais excelentes, os cavalos eram os da mais superior raça. As nações importaram do Egito seus puro-sangue. As festividades das famílias reais contavam com o que existisse numa nação de mais excelente a nível de música, teatro, dança. Até porque o sonho dos artistas de toda sorte era poder se apresentarem aos familiares reais, que eram tidos como a mais alta classe social de um determinado reino. Apresentar-se diante de príncipes e princesas era um sonho acalentado por milhares de artistas. O uso de um vestido ou jóias por uma princesa ou príncipe era o equivalente para os comerciantes a propaganda que os astros de cinema, televisão ou música quando vestem ou usam algum produto.

A sociedade humana representa na esfera lúdica o que acontecia na esfera palaciana.

A USURPAÇÃO

O princípio da usurpação é também de antagonismo a "vontade celestial". A linhagem real é estabelecida pelo rei, ou determinada pela profecia, pelo oráculo. A vontade real se confunde com os "decretos divinos" e sua escolha da linha

sucessória é absoluta. Por isso também ele busca auxílio nos xamãs, nos profetas, nos adivinhos, consciente de que sua escolha deve estar de acordo com a vontade divina, dos deuses. A nomeação de um sucessor que não seja idôneo feriria a santidade da família, ofenderia aos poderes celestiais e traria a desgraça para o FUTURO do reino existente, talvez até sua dissolução. Lembrando que a saúde espiritual, natural, cósmica da nação estava atrelada ao comportamento ritual e a justiça do soberano.

A usurpação do trono era outra situação que poderia ocorrer quando o rei poderia ser deposto por intrigas, sedição de militares ou TRAIÇÃO de nobres ou mesmo dos filhos. Há todo um processo nefasto envolvido na usurpação, e o principal envolvia a fama, a vanglória, o auto enaltecimento do pretendente ilegítimo. Um tirano seria deposto com uma certa facilidade, porque teria apoio dos conselheiros, da nobreza e mesmo do povo. Depor um rei justo poderia significar uma revolta sem precedentes, assim como a não-aceitação por parte de famílias poderosas ou por parte dos militares, o que seria ainda pior. Muitas tentativas de usurpação foram sufocadas no princípio pela guarda palaciana ou pela guarda real, ou pelos generais próximos ao soberano. A usurpação necessariamente significava a morte de muitas pessoas fiéis ao antigo regime. Até de membros da família real. Granjear de antemão a simpatia nacional era fundamental para alicerçar os planos de sedição e de usurpação. A usurpação poderia ocorrer com o rei ainda vivo, em excelente estado de saúde, mas os usurpadores trabalhavam arduamente para criar intrigas no reino, reduzir a "adoração" ao monarca existente, e tentariam enfraquecer a imagem real, fosse difamando o caráter do rei, fosse difamando seu estado de saúde, ou através do envenenamento lento, conduzindo o soberano a um estado de enfermidade ou mesmo morte. Se não conseguisse acesso a cozinha real, para usar plantas ou produtos que conduziram ao envenenamento (tal como o mercúrio, conhecido pelos chineses desde a antiguidade, em virtude das artes de forja), produtos alucinógenos que provocassem desequilíbrio psíquico, ataques epiléticos, e estados de desorientação mental. Poderiam utilizar o "amor ao excesso de vinho", conduzir através de festas suntuosas aos príncipes ao alcoolismo ou usar expedientes para prende-los numa situação de luxúria, festas profanas, usando a prostituição ou a licenciosidade para anular a vontade de assumir o trono dos futuros pretendentes legítimos.

Absalão usou grande parte da "escola de usurpação" para tentar alcançar o trono de Davi.

O significado espiritual da usurpação é visto nos líderes de comunidades cristãs que desejam substituir a Cristo por eles mesmos, e também nos falsos Cristos. Jesus é o Rei dos reis e Senhor dos senhores, e quando um falso Cristo se apresenta chamando para si a dignidade de um trono que não lhe pertence, age como um usurpador.

A REBELIÃO DO PRÍNCIPE

A usurpação do trono poderia ocorrer por vontade alheia, por famílias poderosas e ricas, ou pela valoração dos feitos heroicos de um general, de um guerreiro. A base para a manutenção do reino era a GLÓRIA. A população necessitava interpretar sinais de aprovação celestial que apontassem ao “escolhido” o que é o tema da “espada mágica” do rei Artur, da beleza de Saul, da valentia de Davi. Inclusive Saul começa a ficar temeroso quando as vitórias de Davi vão o transformando em figura notável, em personagem famoso. A fama era a porta de entrada para a entronização na antiguidade. A rebelião do príncipe significava que discordava do comando do pai, de suas posições políticas, ou que simplesmente fora PRETERIDO por outro irmão. A fome pelo poder sempre moveu as sedições do passado aos dias atuais. A realeza conduz ao poder de fazer todas as vontades e caprichos do soberano. O poder do monarca antigo é absoluto, no sentido de sua autoridade suplantar a todas as demais esferas administrativas de um reino. Incluindo o poder de vida e de morte sobre qualquer súdito ou pessoa dentro dos domínios do reino. A rebelião do príncipe é a do filho pródigo que intimamente deseja a morte do pai, para usufruto das suas riquezas e do seu domínio.

O CÍRCULO INTERNO

Os parentes próximos, os conselheiros, os generais, os eunucos, os oficiais do palácio, os nobres.

A SACRALIDADE DO REINO II

Tendo em vista esse caráter antigo de “santidade”, ou sacralidade, a família real não poderia muitas vezes ser “tocada” por pessoas fora dos círculos mais íntimos, sem autorização. O rei da antiguidade então era o mais intocável dos homens. Havia todo um protocolo ou ritual a ser seguido para que os reis antigos fossem “tocados”. Além disso determinados lugares por onde transitavam não possuíam livre acesso a outras pessoas, eram locais “sagrados” ou de caráter EXCLUSIVO da realeza, e a intromissão nesses locais sem permissão significaria a morte de alguém, tal como o jardim persa onde a rainha Ester caminhou sem autorização, ou significaria extrema intimidade, como a correria da adolescente sunamita nos aposentos reais em Cântico dos Cânticos. A “santidade” evocada era sombra da santidade real, ou traduziram a essência da santidade verdadeira, da pureza, em rituais e práticas e até mesmo na “aparência de pureza”. Uma pele limpa era sinal de uma pessoa saudável, virtude essencial para considerar que a realeza permanecia “agraciada” pelos deuses. A doença era tida como maldição divina, como uma praga mágica, ou fruto de feitiço de terceiros. Os reis tinham que “aparentar” o tempo todo uma saúde perfeita. Logo não poderiam haver marcas, tatuagens na pele de uma princesa ou príncipe. A esposa do rei não poderia ter marcas ou cicatrizes. Sua pele tinha que ser perfeita para poder ter direito a desposar a majestade. Essa característica acontecia nas dinastias de Joseon, nas diversas dinastias chinesas. Havia uma triagem, um exame físico minucioso que

ocorria nas “pretendidas” pelo rei, e uma cicatriz ou mancha poderia invalidar um futuro acordo ou arranjo de casamento real. O que levaria você a se perguntar como sunamita consegue, com os pés cheios de cicatrizes, com a pele queimada pelo sol, um lugar tão alto nos sonhos e coração do rei Salomão.

Essa “santidade real” sinalizava uma conduta única, perfumes exclusivos, roupas exclusivas. O status social na antiguidade foi representado pelas vestimentas, associado ao grau de “sacralidade” da classe que vestia as vestimentas. Quanto mais próximo dos reis, maior o status social, maiores os atributos da nobreza e mais PARECIDAS suas vestimentas com as vestes reais. Jamais seria permitido na antiguidade que um escravo utilizasse as roupas destinadas a seus senhores, ou que pessoas comuns se utilizassem de vestes imperiais ou reais. Veja que elas detêm uma grande semelhança de representação com as vestes SACERDOTAIS.

A proximidade com o trono, a proximidade com os assuntos principais do reino, e principalmente com a pessoa do rei irão gerar o sentimento do **status social**. A estratificação da sociedade tem origem no palácio da antiguidade. Não somente o status social, como também a **etiqueta**. **A conduta da família real determinará os protocolos de conduta em centenas de ocasiões da vida civil do homem comum**. Quando mais próximo da conduta dos príncipes, das vestes do palácio, maior o sentimento de DIGNIDADE, ou seja, mais nobres se tornam os modos e maneiras, logo mais CORRETOS os comportamentos. Nasce então a etiqueta, os modos de proceder, de vestir, de comer, de banhar-se, tendano emular, imitar a conduta palaciana.

Era expressamente proibido aos “plebeus” o uso de vestes da nobreza ou imperiais. Para exemplificar, narramos que a veste imperial chinesa, chamada “veste do dragão”, foi um estilo de roupa tradicional e específico da China antiga. Em afrescos antigos da Dinastia de Xia do Oeste (século XI a.C – 770 a.C), há cenários em que o imperador usa a veste imperial; em túmulos do Reino Liao (916 – 1125) encontraram também vestes de dragão.

Até na Dinastia Zhou (Século 11 a.C – 221 a.C.), **houve regulamentos de vestido para todas as classes** e isso foi incluído na etiqueta.

As vestes desta época mantêm as características da etnia Han e os 12 desenhos tradicionais herdados desde a Dinastia Zhou (Século 11 a.C – 221 a.C), e combinaram também características da veste da etnia Manchu*.



Veste da imperatriz da Dinastia Qing.

As vestes imperiais se dividiam em Li, Ji, Chang e Xing etc, e serviam para acontecimentos diferentes. Havia regulamentos para usar as vestes, que tinham de serem respeitados.



Chao Pao do imperador.

A Veste Li servia para acontecimentos mais importantes; ela consistia em Chao Guan, Duan Zhao, Yan Fu, Chao Fu, Chao Zhu e Chao Dai etc.: Chao Guan é a coroa combinada com a veste; Duan Zhao é um sobretudo para o inverno; Yan Fu e Chao Fu são vestes diferentes; Chao Zhu é o colar de pérolas combinadas com as vestes; e Chao Dai é o cinto. Havia combinações fixas das vestes e dos acessórios.



Chao Pao do imperador, para o verão.

Yan Fu é uma veste formal bem antiga. Ela usa a cor azul escura no fundo, com quatro dragões de ouro bordados, que se distribuem no peito, nas costas e nos dois ombros, e são decorados com desenhos do sol, da lua e das nuvens.



Chao Fu **era a veste que o imperador usava para subir ao trono todo dia de manhã**, em tecido de cor amarelo claro, as mangas e a capa são de cor azul escuro. **Os desenhos bordados nesta veste incluem:** quatro dragões de ouro bordados que distribuem no peito, nas costas e nos dois ombros; cinco dragões voadores na cintura; um dragão no lado anterior em baixo; mais abaixo há nove dragões no lado anterior e nove no lado posterior; em baixo extremo há seis dragões; dois dragões na capa e mais dois nas extremidades das mangas.

Em total, há 38 dragões de ouro bordados na veste. Além dos dragões, há também desenhos do sol, da lua, de estrelas, de nuvens, de montanhas, de fogo etc., para decorar a veste. .



Ji Fu do imperador.

A Veste Ji, chamada também Veste Cai, servia para cerimônias normais, como banquetes, aniversários, recepção de inimigos capitulados etc.

A Veste Chang era veste normal que servia para vida diária.

A Veste Xing era para viagem, não tendo regulamento fixo para os desenhos e as cores.

A Chao Fu da imperatriz usa também a cor amarelo claro, e a capa e as mangas de cor azul escuro. A veste da imperatriz tem menos desenhos do dragão: um no peito, um nas costas, um na capa e um em cada manga, estes quatro dragões são decorados com nuvens coloridas e água do mar; quatro na cintura, nove em baixo; um em cada ombro. Além de Chao Fu, a imperatriz tinha Chao Qun, que era a saia. A saia é da cor azul escuro com desenhos de dragões voadores, com uma capa vermelha com desenhos do caráter que significa longevidade; a saia para o verão usa seda bem fina. Na veste da imperatriz há mais uma peça chamada Chao Gua. Ela é semelhante a um colete longo, de cor azul escura, bordada com ouro. Há dois dragões no peito, e outros dois nas costas. Ao redor dos dragões há desenhos dos caracteres que significam longevidade e felicidade. Esta peça servia para usar em cima do Chao Fu.

Do mesmo modo podemos imaginar uma variedade de vestimentas com variados significados e usos exclusivos da família real romana, egípcia, etrusca, assíria, babilônica, japonesa, árabe, indiana, germânica, etc. Se as vestes eram "especiais" RASGAR as vestes reais era punível muitas vezes com a morte. Somente um rei poderia rasgar suas vestes e isso teria um GRAVE significado, simbolizando consternação absoluta, tragédia nacional, porque as vestes reais representavam DIGNIDADE real.

DESOBEDIENCIA OU ZOMBARIA À REALEZA.

A santidade dos reis os elevava a categoria de divindades. E em todas as culturas o respeito, o temor às divindades era a mola propulsora da religião. Os

sacerdotes se desdobravam em oferendas, em homenagens, em atos cerimoniais que deixassem as divindades calmas, que pudessem gerar perdão contra ofensas cometidas, pois toda catástrofe, toda praga, toda desgraça ocorrida no reino era fruto da IRA, de alguma divindade ofendida. Todos os deuses da antiguidade são ao mesmo tempo bons e maus, são benévolos se alimentados e tornam-se demônios se abandonados ou ultrajados. De temperamento volúvel, com intensa instabilidade emocional, comportamental, todo cuidado era pouco, todo ritual deveria ser perfeito, para que não houvesse uma mudança do comportamento do deus ou deusa. Os hinos às divindades babilônicas deixam claro essa capacidade de mudança repentina, de guardiães para extremados e cruéis inimigos. Isso refletia a ambiguidade real, a natureza humana e a volatilidade dos reis antigos. Ao atingirem a plenitude do poder na sua juventude os reis antigos não sabiam lidar com a cólera ou as emoções, o que era péssimo nas mãos de quem detinham o poder de vida e morte de centenas de milhares de pessoas. Se um rei tornava-se um tirano ou déspota, um ditador cruel, o medo era uma constante, pois os reis detinham o poder de julgar e condenar, até mesmo torturar dos mais criativos modos. A desobediência ou a zombaria a rei era então similar a zombar de uma "deidade" com uma natureza dúbia.

Quando as primeiras legislações foram geradas ou estabelecidas nos governos antigos havia uma essencial razão por sua implantação. A capacidade de limitar a IRA do rei. Uma ferramenta que pudesse se interpor entre a vontade humana sem limites e a proteção da vida dos súditos. Para que isso pudesse ocorrer era necessário que o rei LEGITIMASSE a constituição do reino. E somente um poder na terra poderia se OPOR ao braço do rei: a PALAVRA do rei. A Lei era então, até certo ponto, a VONTADE do rei CRISTALIZADA, manifestada. Os legisladores aperfeiçoaram as leis, acrescentaram pontos, debateram ideias com a majestade, até a formação de um conjunto ou cânon legal de um determinado reino. E claro, as leis derivadas da majestade, legitimada pelo anel, pelo selo real, também estabeleciam PENALIDADES para o crime de desobediência e de difamação ao rei.

A zombaria tinha o caráter de atacar um dos maiores valores de um reino, sua DIGNIDADE. Essa dignidade estava presente na pessoa do rei, derivava para suas posses, para seus bens, para seus decretos. Logo, zombar do palácio, destruir propositalmente um decreto fixado, um desenho com a imagem do rei, posteriormente, danificar uma estátua ou objeto REPRESENTATIVO da realeza, era uma afronta a dignidade, a honra do soberano.

Quando Absalão tomou Jerusalém, Aitofel, ex-conselheiro de Davi, aliou-se com Absalão e o aconselhou a entrar a essas concubinas que ficaram para guardar a casa perante todos os olhos de Israel, pois, Aitofel sabia que se Absalão tomasse as concubinas de Davi, uma reconciliação seria impossível, pois se tratava do insulto público máximo, correspondendo a uma declaração de que, com efeito, o rei "estava morto". Ao aceitar o conselho de Aitofel, Absalão cometeu uma

ofensa ainda mais grave, pois desonrou seu próprio pai e se tornou digno de maldição (Gn 49.4).

Estas 10 mulheres, apesar de não terem culpa dos acontecimentos, elas tornaram-se impuras para Davi e a aparição delas em público poderia ser motivo de vergonha. Elas não puderam mais casar-se com outro homem, pois haviam pertencido ao rei. No contexto de sua época, Davi foi bondoso e justo com elas por cuidar delas após essa tragédia que lhes aconteceu pelo comportamento arrogante de Absalão e por seu desdém para com a lei.

O ato de Absalão com as concubinas de Davi é um dos atos mais execráveis já testemunhados por uma nação antiga.

A ADORAÇÃO AO REI

O rei era então objeto de adoração na maioria dos reinos, pois sua pessoa se confundia com a própria divindade. Na dinastia israelita havia uma ordenação que impedia a adoração humana, porém esse era o padrão da maior parte das dinastias, e se na evolução da monarquia não permaneceu essa confusão da pessoa humana com a mítica ou divina, ficou a figuração da eleição divina como esse marco, o direito divino dos reis. Na antiguidade a reverência ao rei era de caráter quase idêntico ao religioso, esse respeito pode ser visto no modo como os súditos se curvam diante da majestade, ao se ajoelharem, ao encostarem seus rostos no chão, ao não dirigirem a palavra ao soberano sem expressa permissão, através do uso de intermediários para acessar o rei. O rei era celebrado do nascimento até sua morte. Essas celebrações davam origem a festas nacionais, ou a comoção nacional fúnebre. Essa aura de adoração permaneceu presente nos eventos de exaltação real. **Quatro eventos são marcantes nesse sentido, quase de caráter universal, o nascimento do rei, o seu casamento, a celebração do rei (sua aclamação ou coroação) e a lamentação por sua morte.**

O NASCIMENTO

Era a certeza da continuidade do Reino. Sem um herdeiro a casa real desfalece, deixa de existir. Morta a linhagem real, perde-se a honra e a dignidade dos ancestrais venerados, as datas de festas e de honra a estes relacionados, o lugar na história sagrada, na história política e leva a perda do status e privilégios da família real. Conduziria a perda dos bens que pertenceriam a dinastia vindoura, conectada pelos laços sanguíneos a anterior. Significava para a mãe escolhida, o direito ao poder e talvez o direito à vida, dado a possibilidade de um “expurgo” por parte da parte exaltada a linhagem principal, dentre as muitas esposas reais. Seria motivo de festa para a nação, e os céus seriam varridos pelos astrônomos em busca de sinais ou eventos celestes que pudessem marcar o dia como auspicioso. O posicionamento das constelações desse dia, ficariam gravados em mapas estelares sofisticados.

O CASAMENTO REAL

Há um texto em que as Escrituras lançam luz sobre o casamento real, o salmo 45, que pode ser visualizado no link abaixo:

<https://wellcorp.files.wordpress.com/2018/12/Salmo-45d.pdf>

A COROAÇÃO REAL, A ACLAMAÇÃO DO REI

O “Plano de ordens e forma que devem servir como cerimonial para a soleníssima função da feliz aclamação d’El Rei Nosso Senhor”, constante no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro exemplifica a aclamação de D João VI como rei pela casa portuguesa, com riqueza de detalhes e simbolismo, um imenso ritual de consagração. A aclamação de um rei era o instante em que o bastão do poder passava para as mãos da geração futura, ou quando o “eleito” tomava posse dos direitos e deveres do reino que assumia. Ele se reveste de significados porque reflete a continuidade se é a aclamação do filho do rei, ou a novidade se esse é o momento de início de uma dinastia, o momento que uma família é elevada ao status da realeza.

A MEMÓRIA DO REINO

A memória das coisas define nossas existências, os gregos e romanos almejavam a imortalidade pela lembrança perene de suas realizações. A morte era representada pelo Lhete, o rio do esquecimento, onde após passarem os mortos perdiam suas memórias, logo, sua identidade. A memória é o lugar onde guardamos a vida, por assim dizer. Os Egípcios externalizam isso almejando tornarem-se estrelas, para serem visíveis para sempre, memoráveis a todas as gerações. Os reinos da antiguidade almejavam a imortalidade, jamais deixarem de existir. Ao mesmo tempo que compreendiam o iminente risco da extinção. A guerra assola a humanidade desde os primórdios da civilização. Todos os reinos da antiguidade criaram obras, afrescos, murais e escreveram suas histórias, de um modo fantasioso ou oficial, com fatos do reino, imaginando anais que declarassem as gerações futuras os feitos e realizações das dinastias anteriores.

Os reinos da antiguidade faziam questão de anotar intermináveis genealogias, pois quanto mais antigo fosse esse reino, mais “cult” se tornava. Porque na história progressiva de gerações nascidas à milhares de anos se alcançaria os primórdios da história e também aos deuses que se misturaram à raça humana. A gênese dos reis antigos evocava a eternidade, lugares celestes, fundadores míticos. Baekdu, a montanha celestial, lugar onde o neto de Hwanin, Dangun, inicia miticamente a história da nação coreana. Hwanin é o antigo nome com o qual os ancestrais coreanos designam ao Deus supremo, diante do qual os xamãs adoravam pelo cultivo dos cereais e pela beleza de uma “terra sagrada”, comparada ao Éden. Então a memória de um reino é engrandecido pela sua antiguidade, pelos feitos poderoso, pelas conquistas, pela dignidade dos

governantes, seus atos de heroísmo ou dignidade. Essa história era escrita por cronistas oficiais que documentavam os eventos marcantes em anais separados da história administrativa, contas a pagar, taxas, pareceres jurídicos, tratados, etc.

Quando mais “enfeitada” essa história, mais alegórica ou ficcional ficava o relato. Os reis da antiguidade apagavam suas derrotas, enalteciam suas vitórias e davam asas à imaginação dos cronistas no acréscimo de elementos sobrenaturais às histórias. O fantástico permeava os anais dos reinos antigos. As crônicas de Israel vão na contramão da crônica real. Ela declara fatos vergonhosos, atos execráveis, retrata a história de Israel com uma essência jornalista que chega a doer pela intransigência em relatar a verdade. O fantástico está presente nos anais israelitas, porém seguem uma linha de registro especial. Os cronistas narram acontecimentos sobrenaturais como foram vistos, não imaginados. O mítico lança os leitores num tempo inalcançável, e narra “fatos” que não podem ser comprovados. Os cronistas das Escrituras são muito próximo aos eventos sobrenaturais narrados, colocando a identidade das pessoas envolvidas, os lugares onde ocorreram, e os efeitos permanentes que tais milagres, maravilhas, eventos sobrenaturais causaram. Porque o efeito dos eventos refletia na história contada.

O fato de narrarem coisas vergonhosas (em Reis e Crônicas) que em nada acrescentavam dignidade aos anais do reino de Israel, é a maior prova da seriedade do relato dos anais israelitas.

A CELEBRAÇÃO DO REINO

A celebração do Reino eram as festas e eventos religiosos, cerimoniais e mágicos cuja função era o engrandecimento dos feitos de um reino, comemorações nacionais de vitórias em guerras, seja por conquista de novos territórios ou pela defesa vitoriosas dos territórios já pertencentes ao reino. Era fruto de festas por excelentes acordos comerciais ou políticos, eram associados as grandes festividades da agricultura e também ao cuidado da divindade que era patrona da nação, a quem o soberano servia como principal sacerdote, ou como o principal oficiante, sendo sua oferta, a mais generosa, a mais sagrada, a mais celebrada. Os ritos de celebração do reino celebravam principalmente a majestade, pois a figura do rei e do reino se confundiam. No Egito as festas religiosas oficiadas pelo faraó tinham caráter nacional, ele presidia o início das colheitas, o ano novo, as cheias do Nilo, e muitas outras solenidades que realçavam o papel do faraó como emissário divino. As casas reais, ou famílias reais simbolizavam ao reino, assim como seus castelos, suas residências, seus objetos, suas roupas. E o reino era o estado, simbolizava a nação. Celebrar o reino era celebrar a existência da nação. Tais celebrações se revestiam de incomum alegria, pompa, magnificência e dramatizações. O lúdico imperava, dominava através de símbolos, gestos e rituais particulares de cada nação que também **COMPETIAM** na glória dessas manifestações. Havia uma disputa de celebrações, quanto mais majestosa, caras, requintadas, solenes, quanto mais

longas e luxuosas, quanto maior a qualidade e a quantidade dos presentes distribuídos, as dádivas repartidas, que demonstravam a “generosidade” real, mais importância determinado “reino” adquiria na visão internacional. Por isso Assuero para mostrar a glória de seu reino distribuiu do vinho real, de caráter exclusivo à multidão, numa festa interminável de **6 meses de duração**.

No terceiro ano do seu reinado, fez um banquete a todos os seus príncipes e seus servos, estando assim perante ele o poder da Pérsia e Média e os nobres e príncipes das províncias, para mostrar as riquezas da glória do seu reino, e o esplendor da sua excelente grandeza, por muitos dias, a saber: cento e oitenta dias.

E, acabados aqueles dias, fez o rei um banquete a todo o povo que se achava na fortaleza de Susã, desde o maior até ao menor, por sete dias, no pátio do jardim do palácio real.

As tapeçarias eram de pano branco, verde, e azul celeste, pendentes de cordões de linho fino e púrpura, e argolas de prata, e colunas de mármore; os leitos de ouro e de prata, sobre um pavimento de mármore vermelho, e azul, e branco, e preto.

E dava-se de beber em copos de ouro, e os copos eram diferentes uns dos outros; e havia muito vinho real, segundo a generosidade do rei.

E o beber era por lei, sem constrangimento; porque assim tinha ordenado o rei expressamente a todos os oficiais da sua casa, que fizessem conforme a vontade de cada um.

Ester 1:3-8

Os reinos da antiguidade realizavam festas de caráter sagrado para celebrar ao poder real como o ritual à Marduk e a Ishitar em Babilônia onde ritos celebravam a união entre o rei terreno e a divindade, como se o rei se casasse com a deusa, ou do domínio do Cosmos do faraó que “decretava” anualmente a cheia do Nilo, até a vindicação de DIVINDADE dos reis como no culto ao imperador do césares, onde haviam sacerdotisas vestais separadas, altares, ritos, canções de louvor aos soberanos de Roma, iguais em status à Júpiter.

O desejo de toda nação e dos reinos antigos era a PERPETUIDADE, os reinos celebravam o poder, sua honra, sua glória visando a ETERNIDADE. A função das festas era produzir nos súditos a memória do reino, cativar os corações para a importância da família real, e promover o respeito à dignidade real.

O caráter lúdico ficava por conta das danças especiais, feitas por dançarinas sagradas ou moças oriundas de escolas sofisticadas de canto e de dança – todo reino da antiguidade possuía uma **tradição de canto e dança** que se revestia de uma “dignidade real” ou qualidade musical que merecesse ser ouvida ou apresentada diante dos soberanos e da família do rei, o que era considerado também uma invulgar honra. As princesas do reino aprenderiam as danças

folclóricas, os passos das dançarinas e as artes dramáticas, postura, canto. No novo testamento podemos ver uma cena (infeliz) em que Salomé demonstra esse costume, das princesas dançarem diante de seus pais, em apresentações especiais como se fossem participantes de uma companhia de dança. Para isso percebe-se que haviam escolas, tradições, coreógrafas reconhecidas ou "mestras de dança" que seriam as professoras de dança, renomadas, reconhecidas como "mestras" pela comunidade.

Algumas celebrações eram para vanglória, para exaltação do Reino diante de outras nações, nos diversos contatos ou transações internacionais. Vemos essa característica quando uma soberana, possivelmente do lendário reino de Aksun. Conhecida entre os povos etíopes como "Makeda" (em ge'ez ማኅዳ, transl. mākidā), esta rainha recebeu diferentes nomes ao longo dos tempos. A sua visita ao rei Salomão é marcada por uma "disputa" de presentes, em que na sua visita oficial ao reino de Salomão traz consigo imensa comitiva e presentes, com pedras preciosas, incensos e tapeçarias raras, 7200 kg de ouro puro, madeiras odoríferas, animais. O reino de Sabá na Etiópia era de tal magnitude que podia DAR de presente 7200 kg de ouro. Mas, ainda assim, a glória do reino de Salomão a deixou boquiaberta.

E ouvindo a rainha de Sabá a fama de Salomão, veio a Jerusalém, para prová-lo com questões difíceis, com um grande séquito, e com camelos carregados de especiarias; ouro em abundância e pedras preciosas; e foi a Salomão, e falou com ele de tudo o que tinha no seu coração.

E Salomão lhe respondeu a todas as suas questões; e não houve nada que não lhe pudesse esclarecer.

Vendo, pois, a rainha de Sabá a sabedoria de Salomão, e a casa que edificara;

E as iguarias da sua mesa, o assentar dos seus servos, o estar dos seus criados, e as vestes deles; e os seus copeiros e as vestes deles; e a sua subida pela qual ele chegava à casa do Senhor, ela ficou como fora de si.

E deu ao rei cento e vinte talentos de ouro, e especiarias em grande abundância, e pedras preciosas; e nunca houve tais especiarias, quais a rainha de Sabá deu ao rei Salomão.

2 Crônicas 9:1-9

Mesmo reinos de menor recursos festejaram imponentemente sua existência, através de suas tradições, de espetaculares apresentações de festividades, ou através de solenes cerimoniais.

Esse tipo de "manifestação de glória, de majestade" é também uma das razões do Espírito de Deus apresentar as ruas celestiais como feitas de ouro puro, conforme as visões que Deus concedeu a João. A resposta vai além das Escrituras. O ouro na antiguidade era além de simbolismo de riqueza, sagrado. Os metais

passavam por fundições cuja alta temperatura era um segredo de famílias sacerdotais. As forjas eram consagradas assim como os ferreiros. O metal era mágico, sua feitura um prodígio ensinado por deuses e o dom de fazer armaduras e espadas ofício sagrado. O ouro, bronze, prata e cobre tinham origens celestiais ao mesmo tempo vinham das profundezas da terra, morada dos mortos e dos espíritos ancestrais. Uma vez processado e polido tornava-se talismã, amuleto e era necessário em milhares de cultos ao redor da terra pois era mágico. Os egípcios e os astecas e maias que também herdaram sua herança religiosa dos náufragos egípcios e chineses de períodos remotos entendiam que sem ouro a alma do morto migraria desprotegida, seria devorada, desfeita e seus mortos mais poderosos eram acompanhados de grandes quantidades desse metal. Apocalipse não foi escrito somente para a última geração. Um Asteca desmaiaria diante da visão de João, um sacerdote chinês que buscava a imortalidade na transmutação dos elementos gritaria vida eterna! Um sacerdote egípcio veria um lugar onde os poderes malignos não possuem poder. O Ouro das ruas celestiais é um símbolo onde Deus fala de modo dramático a civilizações extintas, a povos que sequer foram mencionados nos anais da história. Deus não está revelando algo somente a nós. Sobretudo a eles. O Apocalipse é uma revelação divina que transcende as épocas, que ecoa em toda a história e que concede visões para nós e para os ouvintes e viventes de tempos remotos. Porque milhões destas pessoas um dia abrirão os olhos e verão as mesmas coisas. Porque Deus deseja maravilhá-las. Assim como um dia, nos maravilhou. O ouro apresenta a majestade, a riqueza de UM REINO DE PROSPERIDADE INFINITA, de recursos inimagináveis, um lugar de riquezas que ultrapassam a toda a riqueza deste mundo, na maior apresentação de glória de um REINO concedida ao ser humano.

A cultura de uma nação estava intimamente relacionada a celebração do reino. Na verdade, a ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL derivava da família real.

A EXCELENCIA DO REINO

O reino vindicava para si sempre os melhores serviços, os mais completos soldados, os mestres em todas as artes, da fundição, ao manejo da espada. Padeiros, copeiros, costureiros, perfumistas, todos que trabalhassem para a família real seriam tidos como "excelentes" em suas profissões, porque os trabalhos realizados eram dedicados a uma "família sagrada". As roupas vestidas pelos membros da família reais eram obras especialíssimas, com bordados, símbolos, representações, tinturas únicas. As cores da família real possuem significados, os adereços, os tipos de vestimentas usadas em ocasiões especiais. Assim também os trabalhos de ourivesaria, perfumaria, porcelanaria, cutelaria, fundição e tapeçaria.

Os cavalos, carruagens e liteiras eram revestidos de significados. Através de um verso de Cantares de Salomão podemos ter uma vaga noção dos símbolos e significantes que envolvem os artefatos de um reino da antiguidade

“AS ÉGUAS DOS CARROS DE FARAÓ TE COMPARO, Ó MINHA QUERIDA ”

As éguas de faraó são animais de guerra. Usados por tribos árabes à milênios. As forças inglesas compreenderam que seria impossível combater aos árabes montados em puros-sangues.

Dos primeiros cavalos documentados no Egito haviam se estabelecido como de maior importância. Eles foram amados, admirados e queridos da nobreza aos nômades do deserto. O Alcorão de Mohamed ensina que: "todo homem deve amar seu cavalo." Guerreiros beduínos montados em seus melhores cavalos árabes provaram serem invencíveis como a propagação de energia do Islã em todo o mundo civilizado. Ahmad Ibn Tuleu, (1193-1250), um cavaleiro extraordinário mameluco construiu jardins palacianos e um magnífico hipódromo para abrigar sua coleção de cavalos árabes escolhidos. Os cavalos de Saladino impediram Ricardo Coração de Leão de conquistar ao Egito e foram saudados por Sir Walter Scott em *The Talisman*. "Desprezavam a areia atrás deles - pareciam devorar o deserto diante deles".

Os carros de Faraó

Somente 11 carruagens de faraós foram preservadas da antiguidade. Seis delas na tumba de Tuntankamon. Este rei é de aproximadamente 340 anos antes da época de Cantares (1.327 ou 1.323 a.C.), então temos uma excelente base para comparação dos carros das dinastias egípcias posteriores.



Os carros de faraó se dividiam em dois tipos, os de guerra/caça e **os cerimoniais**. Eles eram de exclusivo uso do faraó e de sua família. No carro de guerra havia as imagens no interior e no exterior, com asas da deusa Isis que segundo a mitologia egípcia protegia o corpo de seu marido Osíris dos ataques de outra divindade (o invejoso Seth). Há neste carro uma representação do céu com um sinal que

simbolizava as duas terras do Egito, e figuras de escravos que circundam as duas terras. O deus Horus do qual o faraó invocava sua ascendência divina estava ali representado também. Com duas significativas inscrições: O grande Deus e Senhor dos céus.

O falcão que representava Hórus segurava um símbolo chamado shen que significava ETERNIDADE. Sob as figuras o nome de Faraó e de sua esposa. Debaixo do nome de Faraó o título: Imagem viva de Amom e Senhor da Existência. Ao lado do nome de sua esposa: Aquela que vive para Amon.

Depois a figura de um pássaro (RKHYT) com as asas levantadas e o sinal tb (todos) Na frente do pássaro uma estrela. A cena inteira significava que todas as pessoas do Egito deveriam adorar ao rei que era ao mesmo tempo OSIRIS e 'TUTANKHAMUN'.

Na parte inferior do carro havia uma representação do sinal SEMATAWY que se refere à unificação do Alto e do Baixo Egito, há também dois cativos emaranhados dentro do sinal Sematawy.

O segundo carro analisado era decorado com padrões em espiral e esta é a principal diferença na decoração da estrutura destes dois carros. Ele é semelhante ao primeiro, porém o corpo inteiro é coberto com folhas de ouro e incrustada com pedras semipreciosas.

Seu nome em egípcio antigo foi wrrt ou mrkbt.

O Carro de Tutankamon

Após a reconstrução dos carros deste faraó, foi possível distinguir entre dois tipos diferentes de carros. Estes dois tipos são os seguintes:

Estaduais ou cerimoniais

De caça ou guerra.

A carruagem cerimonial foi usada pelo rei durante as cerimônias ou ao visitar diferentes partes do país para verificar o seu povo. Temos cenas do reinado de Akhenaton representando o rei andava de carro seguido por outros carros que transportam sua esposa e filhas, e o resto de seus funcionários.

Esses carros eram mais pesados do que os carros de guerra e foram incrustados com pedras semipreciosas, ouro, prata e bronze e decorado com desenhos, altamente ornamentado. Estes carros não foram construídos para serem velozes; foram construídos para causar efeito. Também foram construídos para o conforto com grandes guarda-chuvas anexados para oferecer sombra para aqueles que andavam neles.

Salomão compara a moça a um dos mais cobiçados bens de consumo de sua época. Um dos animais mais notáveis que a terra do Egito havia presenciado e cuja descendência originaria toda a família de puro-sangue árabes da terra. Numa época em que ainda não havia mistura de raças, representam uma puríssima raça de cavalos, superiores às melhores raças que possuímos na atualidade. Cavalos amados por sua força, lealdade, beleza, habilidade e coragem. Não havia na época as questões éticas sobre 'inferioridade' dos animais e da 'supremacia' do homem de tal modo que houvesse indignidade em ser chamado pelas virtudes dos animais. Até hoje possuímos adjetivos, 'forte como um touro', graciosa como uma 'gazela' rápido como um 'guepardo'. Fiel como um 'pombo'. A moça é elogiada em Cantares de modo espetacular. E não é uma égua puro-sangue qualquer. Faz parte de um grupo dos mais seletos cavalos da terra, os mais puros, raros e caros cavalos de sua raça, que são certamente os reprodutores ou principais de sua linhagem, separados somente para uso do Faraó. Somente dele. Cavalos destinados àquele que era considerado "Deus" na terra do Egito. E ainda associado a uma das obras de arte mais cobiçadas da antiguidade. Os carros de faraó. As éguas que puxavam o carro de faraó desfilavam constantemente pelas terras do Egito sendo reverenciados pela multidão. Era o faraó que era o supremo sacerdote da terra do Egito e grandiosos cerimoniais eram presididos por ele. Ele desfilava com os mais belos cavalos que o mundo pode contemplar, num carro preciosíssimo, para realizar atos tais como invocar a cheia do Rio Nilo. Tudo em seu carro era representativo. Nele estava simbolizado, domínio, poder, autoridade, filiação divina, natureza divina e proteção do amor de uma esposa. Até no carro de faraó havia uma história de amor.

O FIM DO REINO

A dissolução de um reino da antiguidade se alcançava através da rebelião, do assassinato dos membros da família real, fosse por intrigas palacianas envolvendo nobres, parentes, generais que usurparam o poder, ou através da aniquilação proveniente da conquista estrangeira. Isso significava a implantação de uma bandeira estrangeira, a destruição dos símbolos reais existentes. Os registros seriam queimados, os anais destruídos, enterrados.

O domínio de um reino levava ao esquecimento da história da dinastia, ao abandono das tradições de veneração e respeito pelos antepassados. Cessaria os festejos fúnebres, as oblações, e a importância das dinastias passadas.

Porque o reino dominante não aceitava competição ou divisão de poderes, honra, glória. A dinastia vencedora reclamava sua vitória de sua divindade que também substituiria a divindade perdedora. Alexandre o Grande será um dos primeiros líderes mundiais a PERMITIR que uma nação conquistada permaneça fiel a suas matizes religiosas. Os impérios da antiguidade se dissolveram rapidamente por milhares de rebeliões tendo em vista que os dominadores compreendiam que necessitavam anular as histórias dos reinos predecessores. Tal intento numa

administração de dezenas de nações conquistadas conduzia a perdas financeiras, logísticas e a esforços de guerra monstruosos. *Soterrar*, desconsiderar, levar ao esquecimento um reino antigo sempre foi algo difícil. A solução administrativa foi a manutenção das dinastias conquistadas, que se mostrassem fiéis aos conquistadores. Ou por rendição, ou por submissão através da guerra. Essa última significava a “substituição” do rei ou dos principais líderes através da prisão ou mesmo execução destes soberanos. Independente do modelo administrativo implantado, as tradições do reino conquistado iam perdendo sua glória, sua motivação, seu motivo de ser. Incluindo a alegria, o regozijo. O império que a dominação de dezenas de reinos deturpou o reino da antiguidade, e deu início a corrupção do reino, a descaracterização do sagrado, ao abandono dos ritos. A corrupção do reino atinge seu apogeu em ROMA.

O Velho Testamento mostra a queda do reino de Israel e de Judá, o resultado é a destruição das tradições, dos anais, das cidades que guardavam as tradições de folclore e literárias das tribos do norte, e finalmente a destruição de Jerusalém, a queima do palácio, da casa das mulheres, das residências dos nobres, das muralhas de defesa, das torres de vigia e do templo, com a prisão do rei e a morte dos seus filhos diante de seus olhos. A lamentação de Jeremias dá uma visão da destruição de todas as antigas tradições, das princesas tratadas como moradoras-de-rua:

“E da filha de Sião já se foi toda a sua formosura; os seus príncipes ficaram sendo como corços que não acham pasto e caminham sem força adiante do perseguidor.”

Lamentações 1:6

Devorou o Senhor todas as moradas de Jacó, e não se apiedou; derrubou no seu furor as fortalezas da filha de Judá, e abateu-as até à terra; profanou o reino e os seus príncipes.

Lamentações 2:2

Tornou-se o Senhor como inimigo; devorou a Israel, devorou a todos os seus palácios, destruiu as suas fortalezas; e multiplicou na filha de Judá a lamentação e a tristeza.

Lamentações 2:5

E arrancou o seu tabernáculo com violência, como se fosse o de uma horta; destruiu o lugar da sua congregação; o Senhor, em Sião, pôs em esquecimento a festa solene e o sábado, e na indignação da sua ira rejeitou com desprezo o rei e o sacerdote.

Lamentações 2:6

Os que comiam comidas finas agora desfalecem nas ruas; os que se criaram em carmesim abraçam monturos.

Lamentações 4:5

Os seus nobres eram mais puros do que a neve, mais brancos do que o leite, mais vermelhos de corpo do que os rubis, e mais polidos do que a safira.

Lamentações 4:7

Mas agora escureceu-se o seu aspecto mais do que o negrume; não são conhecidos nas ruas; a sua pele se lhes pegou aos ossos, secou-se, tornou-se como um pau.

Lamentações 4:8

Os príncipes foram enforcados pelas mãos deles; as faces dos velhos não foram reverenciadas.

Lamentações 5:12

O livro de Lamentações chora a quase completa perda da identidade nacional. A destruição de um reino era acompanhada de TERRORES para os parentes e familiares reais. Ricos empobreceriam, indo até a miséria, até mesmo a morte de fome. Os sobreviventes seriam brutalmente maltratados, humilhados, desprezados, executados ou levados como escravos, onde suas histórias de nobreza seriam esquecidas, sendo tratados como todos os demais habitantes escravizados. A perda dos direitos e da honra só seria amenizada enquanto sobrevivessem outros que conhecessem no passado a dinastia real, mas no passar dos anos, com a morte de nobres escravizados que eram próximos, seriam reputados como escravos comuns.

O livro de Deuteronômio traz uma das mais terríveis visões sobre a queda de um reino da antiguidade, quando fala das maldições que ocorreriam com Israel por REJEITAR a Lei dada no monte Sinai por intermédio de Moisés:

" 56 Do mesmo modo, quanto à mulher israelita mais gentil e delicada entre todas as de teu povo, tão fina e educada que não ousaria tocar a terra com a planta do pé, seu olho se tornará maligno para com o marido a quem ama e para com o próprio filho ou filha,

57 não lhes entregando nem a placenta do ventre nem os filhos que gerar; porquanto a verdadeira intenção dela é devorá-los secretamente durante aquele horrível cerco e em meio aos grandes sofrimentos que teu adversário desferirá sobre as tuas cidades...

Deut. 28: 56-57

A "mulher israelita mais gentil e delicada entre todas as de teu povo, tão fina e educada que não ousaria tocar a terra com a planta do pé" é o retrato de uma PRINCESA israelita, e também de muitas princesas ao redor do mundo.

A maldição emitida pela lei na verdade era a CONSEQUENCIA do abandono da justiça e da lei divina. O que protegia a Israel da animosidade humana, da ganancia dos reinos sempre em lutas expansionistas, era seu amor e devoção à revelação divina. Ela os protegia contra a voracidade dos reinos do mundo.

A queda de um reino era esse retrato desesperador, onde as princesas, as mais bem cuidadas virgens de uma nação, padeceriam fome, desterro, onde príncipes que antes montavam cavalos egípcios, que se morressem teriam honras de estado, lembrados por sucessivas gerações, seriam lançados em monturos.

A ESTÉTICA DO REINO

O presidencialismo como forma de governo nasceu em 1787. A república é uma instituição que nasce na Roma antiga, dentro de um principado ou reino, herdando características do direito grego, e sua forma é semelhante aos diversos conselhos da antiguidade, dos reinos egípcios, babilônicos, persas, etc. Os diversos modelos administrativos atuais, todos eles herdam sua estética de um reino da antiguidade, em todos eles estão presentes elementos que são comuns aos reinos antigos. A estética do reino impacta os sistemas de governos existentes, e também as culturas vigentes. Está presente na hierarquia japonesa, chinesa e coreana, da família à empresa, está presente nos domínios humanos das empresas estatais e privadas, em todas as instituições do feudalismo a revolução industrial, nos oligopólios modernos, nas mais modernas instituições de ensino, nas academias militares, nos conglomerados industriais ou financeiros. Onde existir uma organização administrativa, nós leremos nas entrelinhas um pequeno domínio, um pequeno reino. Os papéis de liderança, de gerencia, os executivos, diretores e finalmente presidentes de empresa retratam com impressionante identidade aos reinos da antiguidade. Nas atividades artísticas, na música, nas artes, no cinema, ou na televisão, leremos os papéis de princesas, de príncipes, veremos os fãs como veneradores de príncipes e princesas, imitando-lhes o modo de vestir e agir. A aristocracia, reflete a nobreza da antiguidade, as famílias ricas são semelhantes as famílias de renome da antiguidade, muitas delas próximas ao poder. Mesmo num estado dominado por um partido, nós leremos nos líderes, a necessidade de honraria, manutenção do status, o medo da vergonha, a luta contra inimigos, posições de veneração, o uso pessoal de autoridade, o uso contínuo de poder sobre pessoas e a necessidade de atos de honraria que os iguala aos reis da antiguidade. Dos heróis dos filmes modernos, aos principais personagens de animes japoneses, nas épicas batalhas interestelares e invasões alienígenas de toda espécie, da loucura de Thanos da

Marvel aos delírios de Darkseid da DC Comics, das lutas do império Klingon de Star Trek às batalhas de Luke contra o Imperador o que lemos é a estética de um reino da antiguidade. O delírio das fãs de K-pop é como a admiração dos adolescentes da antiguidade por príncipes e princesas.

O REFLEXO CELESTIAL DO REINO

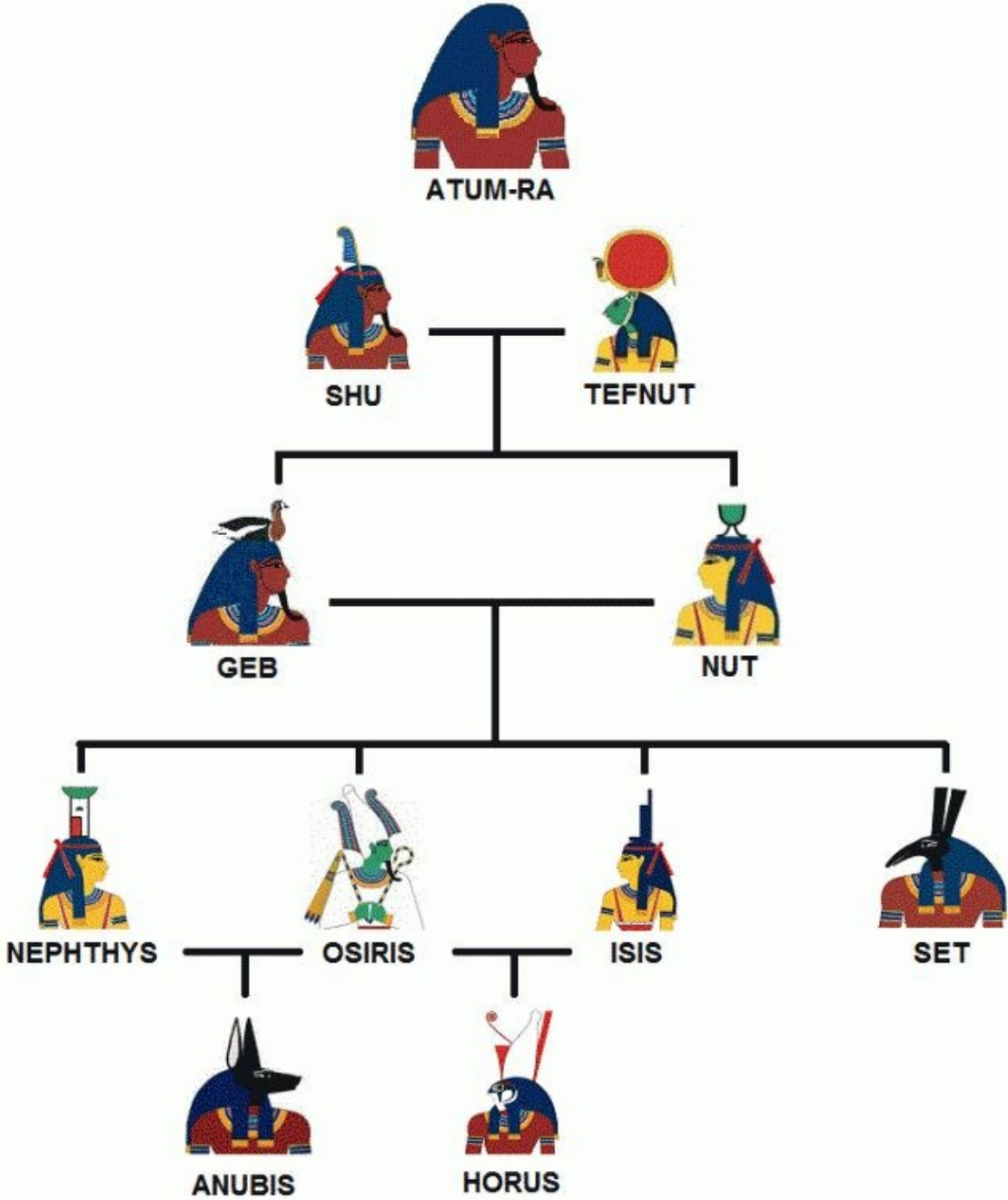
A religião da antiguidade lia os espaços celestiais, o domínio do universo através de uma CORTE, através de uma POTESTADE ou PRINCIPADO celeste. O universo, qualquer que fosse sua concepção religiosa, era DIRIGIDO ou mantido por um conjunto de divindades que representavam um REINO. Essa estrutura celestial se refletia na hierarquia sacerdotal, que se apresentavam como um principado ou contraparte terrestre desse reino celestial.

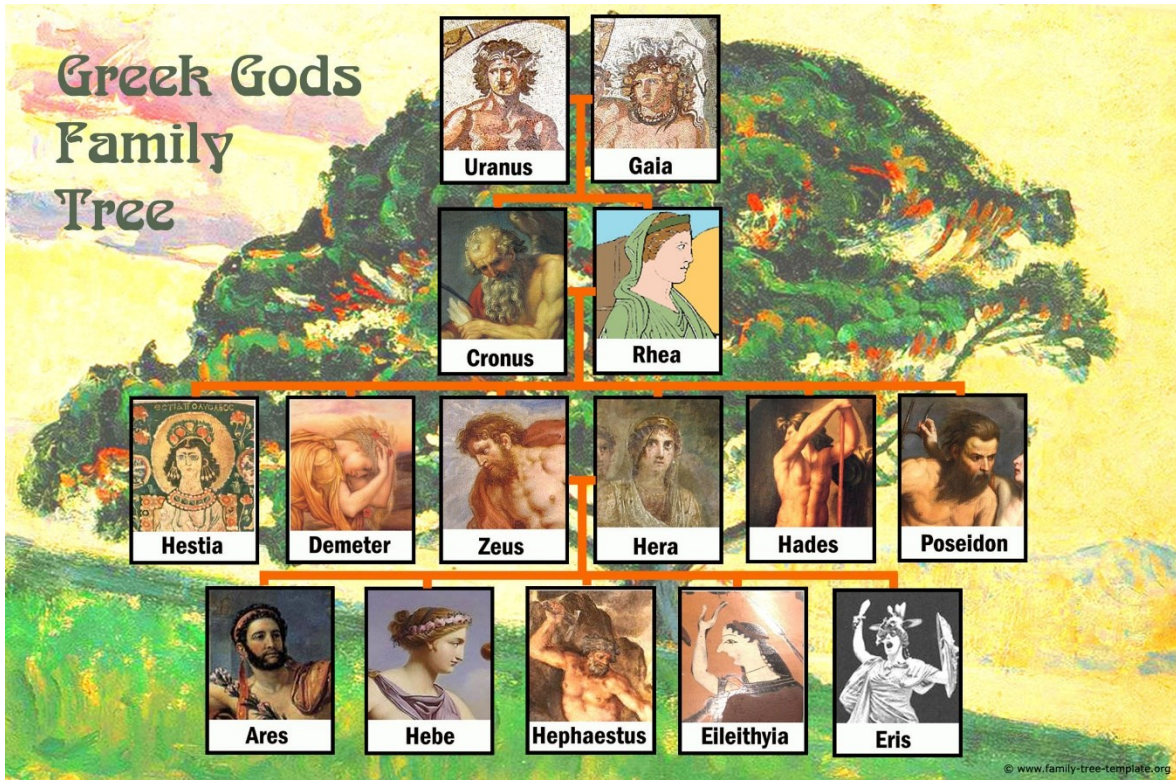
No panteão de deuses egípcios o que veremos é uma dinastia real de deuses, assim como na assíria, na babilônica, na grego-romana, na indiana, na chinesa ou japonesa, etc. O panteão antigo dos deuses tem parentesco, são presididos por uma divindade, possuem esposas consortes, possuem filhos e filhas que agem como príncipes e princesas. Há sempre um palácio nos céus, de onde ordens são emitidas para a criação, há sempre o reflexo no divino, **da família real terrena**.

Os antigos não concebem os céus sem antes conceber um REINO. A visão de um reino oculto, de um reino celestial envolve a vida em todos os aspectos, e os filhos dos deuses, que são príncipes e princesas e que as vezes usurpam o poder de antigas divindades ou assumem sua posição por mandato, tornam-se em algum momento os deuses principais. Na medida que passam as gerações e "nascem" novos deuses, os antigos são relegados a uma posição mítica, de primórdios, deixam de existir, adormecem, ou simplesmente DELEGAM o poder a nova geração divina. Na prática significa que os deuses antigos eram esquecidos, sacerdócios novos se formavam na mudança de regime, e templos aos principais, eleitos assim, eram continuamente construídos. Outra possibilidade é que os deuses primordiais podem sequer ter sido adorados, somente participando da história para completar a história dos deuses vigentes. De qualquer modo a vida palaciana é transportada para o reino divino, tanto a estrutura real da ÉPOCA DO SACERDÓCIO QUE LHE ORIGINOU como as histórias de paixões, desvarios e loucuras que se somam as histórias das divindades. Eles adulteram, matam, profanam o leito alheio, destroem por ciúme, matam por desejo.

Quando Jesus proclama um REINO celestial, o reino dos céus, não está contando algo que não possam compreender. Porque não existe panteão divino que não seja representado por um reino em sua época. Os reinos do mundo e os reinos míticos das divindades inexistentes era uma sombra de um reino invisível, sombra de realidades espirituais que os sacerdócios do passado distorceram, que os oráculos perceberam de modo vago, que a imaginação humana metamorfoseou, com base nos domínios humanos existentes.

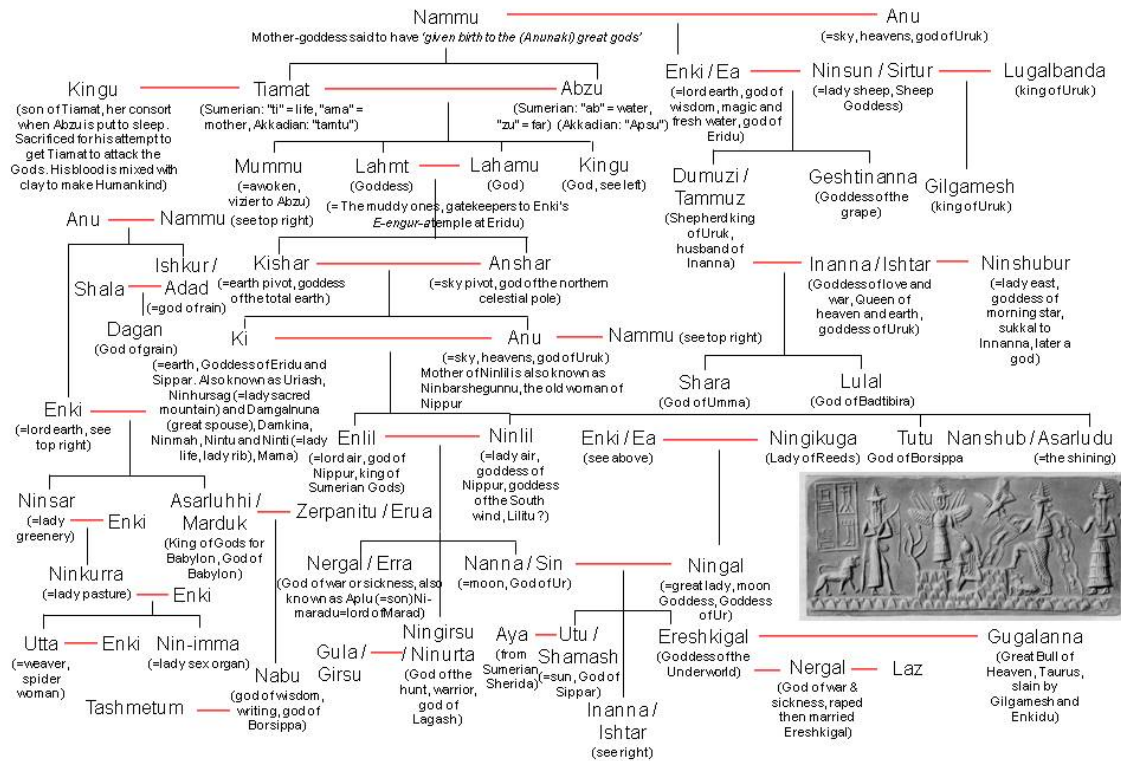
EGYPTIAN GODS FAMILY TREE

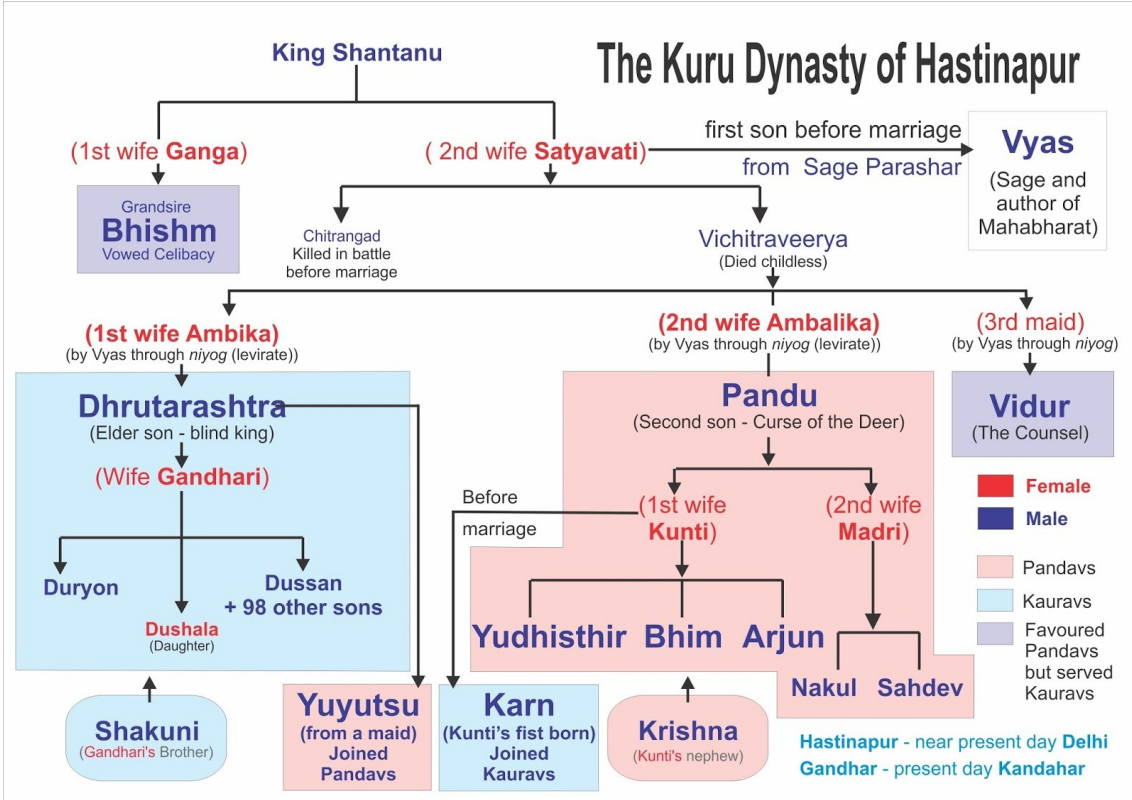




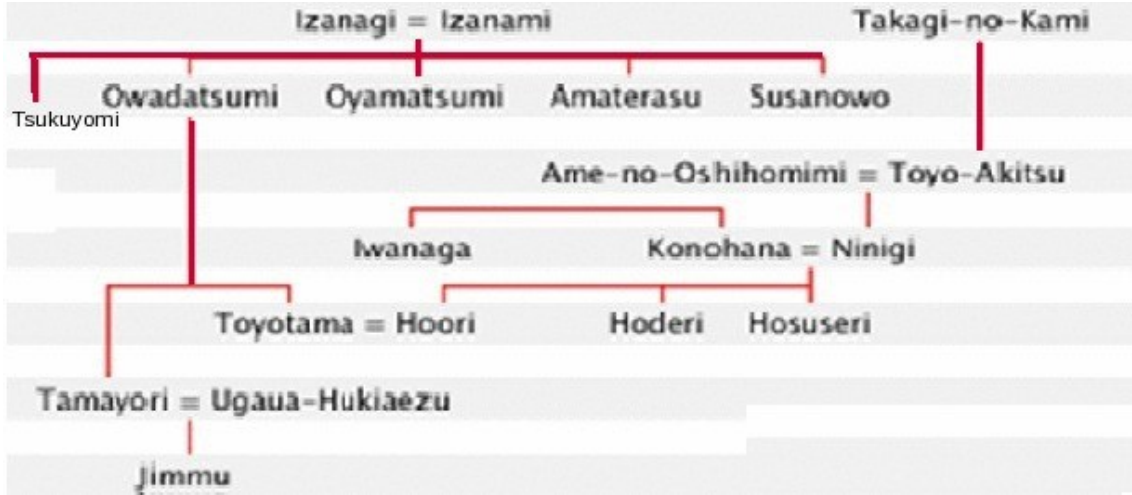
Genealogy of Sumeru-Akkadian Gods

Sumerian names given first, Akkadian last





Japanese celestial Family.





O imperador de Jade e os REIS celestiais.

O Imperador de Jade (玉皇 Pinyin: Yù Huáng ou 玉帝 Yù Dì), de acordo com a mitologia chinesa, é o senhor dos céus (Tian) e de todos os domínios de existência abaixo, incluindo o homem e o Inferno (Diyu). É um dos mais importantes deuses do panteão da religião tradicional chinesa. Também é conhecido por diversos outros nomes, como: Vovô Céu (天公 Tiān Gōng), usado por seus súditos; Puro Augusto Imperador de Jade ou Augusto Personagem de Jade (玉皇上帝 Yu Huang Shangdi ou 玉皇大帝 Yu Huang Dadi); O Grande Soberano de Xuanling

Os termos com que os antigos se dirigiam aos deuses incluía o designativo REI. Os principais deuses do panteão divino, qualquer que fosse, REINAVAM sobre os outros deuses e sobre a humanidade

A DEGENERAÇÃO DO REINO

A identidade com uma "geração divina" e a necessidade de reis que se conduzissem de modo santo, sagrado, foi sempre pervertido pela maldade e loucura humana. Nunca houve um único reino em toda a terra em que maldades e assassinatos não fossem ordenados.

IMPERATRIZ WU

"Sadismo" não basta para descrever o reinado dessa chinesa, entre 690 e 705. Ela ordenou o envenenamento e a mutilação de populações inteiras em áreas controladas por seus adversários. Oficiais do governo suspeitos de corrupção eram forçados a se suicidar. Até membros da própria família ela matou

LEOPOLDO II

O rei belga é conhecido pela sua exploração brutal do marfim e da borracha no Estado Livre do Congo, a partir de 1884. Para obter eficiência máxima, determinou um rígido sistema de trabalhos forçados, que matou 3 milhões de congolezes – muitos deles, só porque não conseguiam cumprir sua cota de produtividade diária.

QIN SHI HUANG

O primeiro imperador chinês foi também um dos mais brutais: segundo registros, ele ordenou a morte de mais de 1 milhão de pessoas. Entre elas, pesquisadores que não conseguiram torná-lo imortal (uma de suas maiores obsessões). Impôs trabalhos forçados à população, como a construção de um mausoléu que custou a vida de milhares

Milhares de reinos contam milhares de trágicas histórias, de tortura, terror, guerras e todo tipo de desvario humano. O APOGEU da degeneração da essência, do conceito de reino é o estado ROMANO. ROMA atingiu dentro da civilização humana, em virtude também de seu domínio mundial, uma extensão de loucura e degeneração que é difícil de igualar. Se não nas aldeias, povoados e nações que dominou, ao menos no exercício deste domínio, nos bastidores do poder, na vida pessoal dos imperadores.

O ensaísta e escritor Gilberto de Mello Kujawski analisa "a loucura dos césores" em capítulo do livro "Império e Terror" (215 páginas; Ibrasa Editora), dissecando de forma ampla a questão da ilegitimidade do poder como origem do terror em Roma ao longo da obra, Kujawski apresenta nesse capítulo outras chaves para se

entender os imperadores enfurecidos. Por exemplo, informa que Cômodo "gostava de começar o dia degolando pessoalmente um tigre, considerava-se a nova encarnação de Hércules (...) e era tão hábil no tiro de flecha que matou cem leões de uma única vez no anfiteatro, para espanto da multidão ali reunida".

"O Gladiador" mostra o desejo carnal de Cômodo pela irmã e esta, que já era mãe de um filho com outro homem, conspirando por sua morte. As conspirações, as relações incestuosas dos césares com suas irmãs ou mães e os crimes intra-familiares compõem clima verídico nesses filmes. Tudo girava em torno da sucessão no poder.

Por influência da tradição egípcia, a primazia da sucessão era dada pela linha materna. O casamento entre irmãos garantia a permanência da dinastia. A roda de conspirações e crimes girava mais rápida no caso de vários possíveis herdeiros do trono. Mesmo no auge da depravação romana é difícil imaginar que uma criança passasse incólume pelo assassinato de um irmão praticado pela mãe para garantir-lhe o trono. Traumas e modelos de conduta ignominiosos derivados destes fatos contribuíam para a psicopatia dos césares.

Certa vez, tendo o imperador Calígula, que governou o Império Romano de 37 a 41 d.C., adoecido gravemente, dois cidadãos romanos apresentaram-se: um afirmava que desejava oferecer sua própria vida e outro se propunha a lutar como gladiador se o imperador se recuperasse. Calígula recuperou a saúde pouco depois e exigiu que cumprissem suas promessas, de modo que ambos vieram a morrer. Também agiu de forma estranha outras vezes: cometeu incesto com suas irmãs, queria fazer cônsul seu cavalo e afirmou ser capaz de comunicar-se com a deusa lunar.

Ele teria começado a praticar o incesto com suas irmãs ainda na adolescência, inclusive publicamente, e sua favorita era Drusilla. Pois a moça acabou ficando grávida e Calígula, com medo do nascimento do pequeno semideus, teria eviscerado a coitada para remover seu útero e o bebê. Depois da morte da irmã, o Imperador a transformou em divindade;

Certa vez, Calígula teria ordenado a morte de uma família inteira, mas, como a lei romana proibia que meninas virgens fossem executadas, ele primeiro obrigou a garota a assistir seus familiares serem torturados e mortos e, depois, fez com que o carrasco violentasse a coitada e mandou que ela fosse enforcada;

Diz-se que Nero, imperador de 54 a 68 d.C., se considerava um artista talentoso. Cantava, tocava cítara, escrevia poesia e conduzia bigas. Exibiu-se em teatros e arenas de circo e até fez uma turnê pela Grécia no ano 67/68. Em Roma, utilizou-se de imensos recursos do império para promover luxuosos banquetes públicos na cidade e para construir um complexo palaciano para si mesmo, no centro de Roma, que ligava a colina do Palatino àquela do Esquilino e ocupava uma área que se estima em cerca de 50 hectares.

Diz-se que Domiciano, imperador de 81 a 96 d.C., teria aterrorizado a aristocracia romana de forma sistemática e obrigou-a regularmente a atender a suas

recepções matinais e jantares noturnos no palácio. Ao fim de seu reinado, tinha tanto medo de conspirações que instalou espelhos sobre os muros do palácio para ver o que estava acontecendo em sua retaguarda.

A História Augusta diz que Heliogábalos casou com um homem chamado Aurélio Zótico, um atleta de Esmirna, numa cerimônia pública em Roma.[39] Dião Cássio diz que Heliogábalos pintava os olhos, depilava o seu cabelo e usava perucas antes de se prostituir em tavernas e bordéis, e até no palácio imperial:

Ao final, ele reservava um quarto no palácio e lá cometia as suas indecências, sempre nu à porta do quarto, como fazem as prostitutas, e abanando a cortina pendurada em anéis de ouro, enquanto numa voz doce e comovente se oferecia aos que passavam. Havia, obviamente, homens que tinham sido especialmente instruídos para desempenhar o seu papel. Para, assim como em outras questões também económicas, ele tinha numerosos agentes que procuravam por aqueles que mais o agradavam para participar de suas vilezas. Ele poderia ter coletado o dinheiro de sua clientela e dado a si mesmo os seus ganhos; também poderia ter disputado com seus colegas essa indecente ocupação, argumentando que possuía mais amantes e mais dinheiro.

Herodiano comentou que Heliogábalos mimava a sua beleza natural ao usar demasiada maquiagem. Foi descrito como "ficando encantado ao ser chamado a amante, a esposa, a rainha de Hiérocles" e diz-se que ofereceu grandes somas de dinheiro ao médico que lhe pudesse dar genitais femininos.

ROMA então representa o instante em que o sentido de REINO mais se aproxima da total degeneração, perdendo completamente sua identidade com qualquer aspecto sagrado.

Apocalipse 1.18

Eu Sou o que vive; estive morto, mas eis que estou vivo por toda a eternidade! E possuo as chaves da morte e do inferno

Muito além de todo além.

As divindades da época antiga, 4000 a.C à 1200 d.C foram comuns a muitas nações. Os cultos se fundiam com sacerdócios locais, os povos "importavam" deuses estrangeiros, deuses estranhos ou exóticos de terras distantes. Babilônia, Persia, Egito, Grécia e Índia compartilharam de diversas divindades. Muitas divindades persas um dia foram hindus ou mesmo babilônicas, despidas de seus "sarís" e vestidas de trajes persas. A "fusão" de religiões e a criação de novos cultos é uma característica fundamental da religião da antiguidade. E de muitos movimentos religiosos mágicos da atualidade. Atualmente concedem um nome simplista de "sincretismo religioso" a essa "fusão" de costumes, ritos, crenças, mas a realidade espiritual que isso traduz é muito maior que aparenta. Essa "mutação" dos deuses antigos em novas crenças, com novos rituais, realizado em novas culturas por outras famílias sacerdotais esconde uma trágica verdade, terrível constatação. Muitos "deuses" se tornaram deuses num processo de evolução. Os primeiros deuses dos povos eram seus próprios ancestrais transformados em espíritos protetores ou em fantasmas e espectros de maldade. Os ritos mortuários e a dedicação contínua de comida ou alimentação sagrada, oferendas, e a ADORAÇÃO os transmutava em seres mais poderosos, de espíritos protetores em chefes de espíritos, daí em semideuses, criaturas com poderes divinos, mas sem o status de deuses e finalmente em divindades que estavam sobre o domínio de um panteão superior ou da mais antiga delas.

Na medida que os séculos passavam, os pais de um clã, os mortos mais antigos, perdiam sua ascendência humana. Perdiam a história de suas famílias originais, perdiam os laços humanos das gerações a qual pertenceram um dia, também esquecida. Os sacerdotes então criavam uma COSMOGONIA. Concediam a estas divindades uma origem divina, uma família celestial. As famílias de deuses da antiguidade possuíam histórias, onde aconteciam como na humanidade terrena, diversas tragédias. Ao olhar para a história das divindades, sejam egípcias, babilônicas ou gregas, nós leremos nas entrelinhas histórias de paixões e de desvarios humanos, unidos a contos assombrosos e de magia, que retratavam de modo fidedigno a VIDA PALACIANA, as intrigas da família real, da antiguidade. Incesto, assassinato, luta pelo poder, rebeliões, traições, filhos ilegítimos, paixões proibidas e licenciosidade dos deuses eram um retrato do acontecia, da Joseon coreana ao palácio egípcio, da oligarquia de Atenas aos 16 reinos da Índia antiga, e também um retrato dos costumes dos antigos reinos africanos. A família real africana, de Gana à Aksum, de Mandika ao Congo, de Songhai ao Zimbábue, de Yourubá ao reino de Benin.

Muitos dos deuses de milhares de nações da antiguidade foram um dia somente seres humanos, homens e mulheres mortos, de origem esquecida, desumanizados, deificados. Isso é essencial para você compreender a opressão maligna contida em cultos de origem arcana, iniciados na antiguidade. No Brasil, divindades adoradas em diversos terreiros de religião africana são baseados em VUDUM, ou VODUNS, que originaram-se em espíritos de ancestrais divinizados. Mortos transformados em deuses. Vodum, vodun, voodoo ou vodu são termos que se referem aos vários ramos de uma tradição religiosa baseada nos ancestrais que tem as suas raízes primárias entre os povos Ewe-Fon do Benim, onde é, hoje, a religião nacional, com mais de 7 milhões de adeptos. Além da tradição fon, ou do Daomé, que permaneceu na África, existem tradições relacionadas que lançaram raízes no Novo Mundo durante a época do tráfico transatlântico de escravos (século XVI - século XIX) e que persistem até hoje, como o candomblé brasileiro, o vodu haitiano, a santería cubana, o vudu da Luisiana (Estados Unidos), etc. "Vodum" pode designar tanto a religião quanto os espíritos centrais nessa religião.

A tradição e a cultura dos escravos jejes, ewés, fons, minas, fantes e axântis deram origem no Brasil às tradições conhecidas como:

- Candomblé jeje: teve início em Salvador e no Recôncavo baiano, nas cidades de Cachoeira e São Félix e outras, depois migrou para o Rio de Janeiro, São Paulo em maior número.

- Tambor de Mina: ficou restrito a São Luís do Maranhão com a única casa de Jeje-Mina no Brasil que é a Casa das Minas.

- Xangô do Nordeste, Xangô do Recife, Xangô de Pernambuco ou Nagô-Egbá ou Jeje-Nagô: teve início na Região Nordeste do Brasil. Uma parte migrou depois para outros estados.

- Tambor do Golfo

Como a origem dos Voduns é de espíritos ancestrais, suas histórias refletem também as histórias ancestrais das paixões e deturpações humanas das tradições e intrigas da vida da família mais importante num sistema de governo baseado na monarquia da antiguidade. Na língua Yorubá, Egun tem o significado de ancestral divinizado.

As religiões da antiguidade passam por processos de sincretismo, de fusão, de mudança, de incorporação de novos sacerdócios, de novos ritos. Essa mutação é essencial para você entender que muitos deuses ancestrais, arcanos, divindades que já foram adoradas na Índia, no Egito, em Babilônia e na África, PERMANECEM HOJE SENDO ADORADAS, sob a sombra de novos nomes, de novas formas de culto, abraçadas por novas formas de sacerdócio, servidas através de novos tipos de sacrifícios, votos e oferendas. As vestes, a aparência, os atributos, os sacerdotes mudaram, mas a essência dessas divindades ou espíritos de pessoas

mortas, adorados, permanece exatamente o mesmo que possuíam quando uma sacerdotisa egípcia se curvava num templo de Hathor.

Em Benin da antiguidade até os ossos de reis ou poderosos guerreiros vencidos em batalhas se tornavam em objetos sagrados detidos de poder espiritual. Por séculos famílias reais realizavam cultos em santuários que continham objetos fabricados a partir de crânios humanos, que se tornavam mágicos. Em Abomé, os ossos do ancestral mítico, colocados num recipiente de cerâmica e cobertos por um montículo de terra, constituem o altar do vodum Aizan (Ayizàn), responsável pela proteção da coletividade.

Relíquias sagradas, a maior parte de pedaços mumificados, pedaços de ossos, partes mumificadas, cinzas guardadas em vasos especiais, pedaços de indumentária ou objetos pessoais tidos como relicários – pertencentes a ancestrais míticos, foram trazidos ao Brasil e muitos destes são guardados em templos e sacralizados, sendo usados de modo mágico. Ao fazer uma oferenda em uma encruzilhada, é a um espírito morto que o homem contemporâneo está concedendo dignidade.

Ao curvar-se a uma entidade, é a um usurpador que essa pessoa está se curvando. Todo espírito que ousa invocar para si domínio ou poder, posição ou adoração, desafia àquele que o verdadeiro Senhor de todas as coisas. Cujo nome aterroriza a todo poder. Porque só ele possui a legitimidade de receber a adoração.

Porque está vivo. E acorrentando a morte, permanecerá vivo, para todo o sempre.

O REINO DE DEUS

Enfim.

É diante de todas essas representações de REINO (mais algumas que não inclui, tais como o REI TRANSITÓRIO – leia Jesus através do Espelho) que nossa visão sobre REINO de Deus. Resumidamente, fica a sua missão de acrescentar as referências bíblicas:

- A beleza das genealogias míticas em Cristo se cumprem de modo cabal, que é descendente divino, coparticipante da natureza divina e Senhor do domínio celestial e do terreno.
- Reúne nele a função sacerdotal e real;
- É ao mesmo tempo herói e Mago Celestial, operador de Milagres, pessoa em quem operam poderes espirituais verdadeiros e transcendentais, como em nenhum outro homem. Se a vindicação da legitimidade do direito ao trono era as vezes exigido por meio de um prodígio feito pelo Rei, Jesus passa com grau máximo
- Jesus é VERDADEIRAMENTE por sua parte humana, herdeiro de um trono, o de Israel, herdeiro do trono de Davi, por parte de mãe.
- Jesus é então um rei humano e rei divino, sem tirar e nem por.
- Se na cosmologia antiga se imaginava ao rei como guardião da terra, como unido aos cosmos, Jesus cumpre em si mesmo de modo absoluto tal preceito. O cosmos lhe atende, o cosmos lhe pertence.
- O reino que Jesus anuncia é sempiterno, ou eterno, ele é o sonho de toda dinastia da antiguidade que ansiava a eternidade.
- Jesus vive para todo sempre, ele é rei eterno de um reino que jamais passará.
- O reino de Deus é COMPLETAMENTE a inversão dos valores do mundo terreno. O rei se torna servo, em vez de realizar sua própria vontade se submete integralmente em todos os momentos a vontade divina. Em vez de exigir que seus súditos se sacrifiquem por ele, ele é que lhes concede a vida. Realiza o ritual de rei transitório, o mais antigo ritual religioso que exigia a morte do rei, literalmente, pelos pecados da nação, e ainda retorna vivo, após vencer a morte para reivindicar ao trono que lhe foi dado (a volta de Jesus).
- No dia em que Jesus morre os céus se consternam, a natureza se revolta, sinal evidente aos antigos da natureza sobrenatural de um indivíduo.
- Quando nasce sinais celestiais são vistos, tão astronomicamente relacionados que três reis magos de origem persa ou africana são capazes de compreender tais sinais e serem guiados pelo movimento de uma estrela até ao local do nascimento do Salvador.

- Muitos reis vindicaram profecias anteriores ao seu nascimento. Jesus possui mais de 120 profecias anteriores ao seu nascimento, cumprida integralmente nele.

- O reino de Deus declara ao mundo a TRANSCEDENCIA, algo inimaginável, a manifestação do DOMINIO celestial, na terra dos homens.

- O Apocalipse fala então da TOMADA a força do Reino recusado, do reino anunciado, que foi REJEITADO pelo mundo, que SEMPRE foi na verdade território de DEUS.

- A expulsão dos ímpios, a expulsão dos demônios e de Satanás é fruto da COMPLETA e INTEGRAL implantação do Reino de Deus.

- O APOCALIPSE é na verdade o fruto de uma guerra do reino das trevas contra o reino de Deus, a última e derradeira tomada de posse. Os que rejeitaram o domínio de Cristo, terão que se SUBMETER ao reino que foi anunciado e que está chegando.

- O reino de Deus torna seus participantes, FAMILIA DIVINA. Como se fosse uma nação feita de príncipes e princesas. Ele nasce no invisível da fé e ANTECIPA aos participantes uma CIDADANIA celestial, e os RECURSOS do reino CELESTIAL, incluindo a maravilha da NATUREZA DIVINA, e a participação nos PODERES CELESTIAIS. Os dons espirituais são uma das consequências do REINO, são uma das manifestações do REINO.

-Uma vez que os PARTICIPANTES do REINO CELESTIAL são eleitos, ou TRANSFORMADOS pela ORDEM DO REI JESUS, ou regenerados através do EVANGELHO, recebem também o direito a um serviço celestial. Manifesto através da MINISTRAÇÃO ANGELICAL

E assim ad infinitum.

SOBRE O REINO PASSAGEIRO – O ANTICRISTO

Para que o Anticristo assuma o poder, ele necessitará de considerável estratégia. Não basta firmar-se com apoio de magos, bruxos, ocultistas e religiosos, sociedades ocultas de toda espécie, tentando tomar à força o poder político. No filme Sherlock Holmes, com [Robert Downey Jr](#) no papel principal, visualizamos como poderia ser uma dessas tentativas frustradas. Um astuto facínora tenta simular ter poderes místicos para dominar vários grupos e sociedades secretas e políticas.

O plano do Reino Passageiro tem que ser diversificado, dissimulado, abrangente. Tal plano possui várias etapas, ele necessita capitalizar ou compatibilizar milhares de atividades humanas, centenas de disciplinas do conhecimento. No nosso mundo temos complexas relações sociais, econômicas, tecnológicas, religiosas e políticas. Somos regidos por uma pluralidade de relações jurídicas, leis internacionais, convenções, tratados, códigos diversos, normas, padrões. Migramos para um mundo conectado, relações computacionais que fazem parte do dia a dia, redes sociais, indexadores, blogosfera, conectividade via MSN, Skype, migração de nossa memória (fotos) e relacionamentos (contatos) para a nuvem (web). O mundo do papel tornou-se em poucos anos, o mundo dos bytes, da interação virtual. Hoje caminhamos para outro patamar que é o da telecomunicação se fundindo com a internet. E logo também a televisão, onde possivelmente não conversaremos sem visualizar com quem falamos.

A REDE é hoje uma realidade social, ela já coopera com mudanças de aproximações culturais, modificações linguísticas e o sistema financeiro mundial também dela se tornou dependente.

Toda ferramenta humana pode ser usada adequadamente ou para o mal. A natureza humana não conhece ferramenta que não possa ser usada para ferir ao outro. A bíblia usada de modo errado pode destruir pessoas. Mesmo sentimentos, a paixão pode adoecer e até desesperar, a sexualidade dada ao ser humano como uma benção pode ser transtornada, se tornar motivo de tormento, opressão, e mesmo angustia quando dominada por aspectos outros que não o propósito original que era de ser vínculo entre duas pessoas que se amam, exemplo da escravidão sexual, da prostituição, do estupro, da pornografia. A lei cuja essência é a justiça pode ser deturpada para beneficiar a alguns em detrimento de poucos. O Estado hoje era para ser uma evolução das estruturas políticas do passado para dar qualidade de vida ao povo, a uma nação. O estado totalitário inverte a ordem das coisas exemplo da ditadura que ceifou centenas de vidas no Brasil, transformando-se em instrumento de destruição. Líderes políticos deveriam representar os grupos que o elegeram com a visão do bem-estar geral, munido de interesses gerais. Stalin, líder soviético matou para se manter no poder, 50 milhões de pessoas. Na REDE existem lutas internas colossais pelo seu domínio, existe desde peneira de informações, até mecanismos que podem a se tornar ferramentas de controle ideológico. Isto já ocorre em nível de propaganda há anos. No que você consome, no que nós lemos, existem vários

modos de você induzir, enfatizar, generalizar posturas, filosofias de vida, padrões de consumo, para atender a um mercado, a um modismo, a um movimento cultural, porque alguém está interessado em te vender alguma coisa. Ou que você não saiba de alguma coisa. As empresas praticam jogos de poder, tem as oligarquias, os cartéis, os monopólios, etc. Nos séculos anteriores a Inglaterra interviu fortemente para que o Brasil entrasse numa guerra que dizimou a população do Paraguai, que despontava com desejo de industrializar-se. A Exxon dominou o panorama do petróleo por dezenas de anos com práticas que beiram a insanidade moral. O aço do mundo é hoje quase que totalmente dominado por um único grupo econômico. Toda a economia da terra gira em torno de 50 grandes empresas, cujas ramificações abrangem milhares de outras. O Shogunato (Japão) caiu por causa da necessidade econômica que alguns grupos possuíam de realizar investimentos naquele país. Hitler foi financiado por um dos grupos que ainda está no cenário financeiro mundial até hoje. A base financeira do futuro governo do anticristo necessita ter em suas mãos as rédeas do mercado financeiro, a interação religiosa, o domínio do fornecimento de alimentos, as chaves das indústrias químicas, o poder do petróleo, a mudança dos códigos de leis internacionais, a ideologia propagada através dos meios de mídia existente e para tal o controle do conteúdo televisivo, da mídia da web e telefônica, a propagação de sua filosofia através da literatura. Sem perceberem que isso tudo está interconectado, sem que a humanidade entenda que está sendo manipulada. A moda já faz isso a tempo. Veja a magreza das modelos, a manipulação fotográfica das capas de revistas, a ditadura da beleza. Há uma acusação formalizada de que a mulher americana jamais viu nas revistas de moda o verdadeiro rosto de uma mulher de 50 anos. Por cerca de 30 anos a televisão brasileira retratou famílias em adultério, paixões proibidas, vida íntima ilegítima ou situações retiradas de contos de Nelson Rodrigues. O comportamento da juventude brasileira, influenciada pela massificação de arquétipos de sexualidade mundanos (os discursos e enredos contínuos sobre adultério, traição, tabu, propaganda da sensualidade, liberação sexual, e coisas afins) diminuiu a infância, vulgarizou a sexualidade adolescente, ridicularizou a virgindade, retirou dos pais a responsabilidade sexual do comportamento dos filhos. A ponto de em determinada cena de televisão, uma prostituta, reclamar de que as chamadas "patricinhas" se vestiam exatamente como elas, sendo impossível em determinadas regiões das metrópoles diferenciar quem era ou não uma prostituta pelos trajés. Reclamação feita por uma prostituta.

Existem batalhas ideológicas em todas as áreas do conhecimento humano, que se assemelham com disputas comerciais ilegítimas.

Para entender esse processo abrangente não há relato melhor que o da Propaganda Nazista descrita no United States Holocaust Memorial Museum, Washington, DC:

"A propaganda política busca imbuir o povo, como um todo, com uma doutrina... A propaganda para o público em geral funciona a partir do ponto de vista de uma ideia, e o prepara para quando da vitória daquela opinião". Adolf Hitler

escreveu tais palavras em 1926, em seu livro *Mein Kampf*, no qual defendia o uso de propaganda política para disseminar seu ideal de Nacional Socialismo que compreendia o racismo, o antissemitismo e o antibolchevismo.

Após a chegada do nazismo ao poder em 1933, Hitler estabeleceu o Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda, encabeçado por Joseph Goebbels. O objetivo do Ministério era garantir que a mensagem nazista fosse transmitida com sucesso através da arte, da música, do teatro, de filmes, livros, estações de rádio, materiais escolares e imprensa.

Existiam várias audiências para receber e assumir as propagandas nazistas. Os alemães eram constantemente lembrados de suas lutas contra inimigos estrangeiros, e de uma pretensa subversão judaica. No período que antecedeu a criação das medidas executivas e leis contra os judeus, as campanhas de propaganda criaram uma atmosfera tolerante para com os atos de violência contra os judeus, particularmente em 1935, antes das Leis Raciais de Nuremberg, e em 1938, após a *Kristallnacht*, quando do fluxo constante de legislação antissemita sobre os judeus na economia. A propaganda também incentivou a passividade e a aceitação das medidas iminentes contra os judeus, uma vez que o governo nazista interferia e “restabelecia a ordem” (derrubada pela derrota alemã na 1ª Guerra Mundial).

A propaganda nazista também preparava o povo para uma guerra, insistindo em uma perseguição, real ou imaginária, contra as populações étnicas alemãs que viviam em países do leste europeu em antigos territórios germânicos conquistados após a Primeira Guerra Mundial. Estas propagandas procuravam gerar lealdade política e uma “consciência racial” entre as populações de etnia alemã que viviam no leste europeu, em especial Polônia e Tchecoslováquia. Outro objetivo da propaganda nazista era o de mostrar a uma audiência internacional, em especial as grandes potências europeias, que a Alemanha estava fazendo demandas justas e compreensíveis sobre suas demandas territoriais. Após a Alemanha haver quebrado o Pacto Ribentrop, que havia assinado, e invadido a União Soviética, a propaganda nazista passou a dirigir-se aos civis dentro do estado alemão, e aos soldados e policiais alemães que serviam nos territórios ocupados, bem como a seus auxiliares não-alemães, inventando um elo entre o comunismo soviético e o judaísmo europeu, e apresentando a Alemanha como defensora da cultura “ocidental” contra a ameaça “Bolchevique”. Esta propaganda também mostrava uma imagem apocalíptica do que aconteceria caso os soviéticos ganhassem a Guerra e foi aumentada após a derrota catastrófica da Alemanha em Stalingrado, Rússia, em fevereiro de 1943. Este enredo serviu como instrumento para persuadir os alemães, nazistas ou não, além de colaboracionistas estrangeiros, a lutarem até o final. O cinema, em particular, teve um papel importante na disseminação das idéias do antissemitismo racial, da superioridade do poder militar alemão e da essência malévola de seus inimigos, como eram definidos pela ideologia nazista. Os filmes nazistas retratavam os judeus como seres “sub-humanos” que se infiltraram na sociedade ariana; em 1940, por exemplo, o filme de 1940, “*O Eterno*”, dirigido por Fritz Hippler, que retratava os judeus como parasitas culturais, ambulantes,

consumidos pelo sexo e pelo amor ao dinheiro. Alguns filmes, como "O Triunfo da Vontade", de 1935, de Leni Riefenstahl, exaltava Hitler e o movimento Nacional Socialista. Duas outras obras de Leni, "O Festival das Nações" e "Festa da Beleza" (1938), mostraram os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, promovendo o orgulho nacional com o sucesso do regime nazista naqueles Jogos. Jornais alemães principalmente o Derem Stürmer, O Tufão, publicavam caricaturas antissemitas para descrever os judeus. Depois que os alemães deflagraram a Segunda Guerra Mundial com a invasão da Polônia, em setembro de 1939, o regime nazista utilizou propagandas para causar a impressão de que os judeus não eram apenas sub-humanos, mas que eram também perigosos inimigos do Reich alemão. O regime buscava obter o apoio, ou o consentimento tácito, da população alemã para as políticas que tinham como objetivo a remoção permanente dos judeus das áreas onde viviam alemães.

Durante a implementação da chamada Solução Final, o extermínio em massa de judeus, os soldados das SS nos campos de extermínio forçavam suas vítimas a apresentar uma fachada de normalidade em ocasiões em que vinham visitas ou em que tiravam fotos e filmavam os campos, chegando ao ponto de obrigar os que iam para as câmaras de gás a enviar cartões-postais para amigos e parentes dizendo que estavam sendo bem tratados e que viviam em excelentes condições, criando assim a fachada de tranquilidade necessária para deportá-los da Alemanha, e dos países por ela ocupados, da forma menos tumultuada possível. As autoridades dos campos usavam a propaganda para acobertar as atrocidades e o extermínio em massa que praticavam.

Em junho de 1944, a Polícia de Segurança alemã permitiu que uma equipe da Cruz Vermelha Internacional inspecionasse o campo-gueto de Theresienstadt, localizado no Protetorado de Boêmia e Moravia (hoje República Tcheca). As SS e a polícia estabeleceram Theresienstadt, em novembro de 1941, como um instrumento de propaganda para consumo doméstico no Reich alemão. O campo-gueto era usado como uma explicação para os alemães que ficavam intrigados com a deportação de judeus alemães e austríacos de idade avançada, de veteranos de guerra incapacitados, ou artistas e músicos locais famosos para "trabalharem" "no leste". Na preparação para a visita de 1944, o gueto passou por um processo de "embelezamento". Depois da inspeção, as autoridades das SS no Protetorado produziram um filme usando os residentes do gueto para demonstrar o tratamento benevolente, que os "moradores" judeus de Theresienstadt recebiam. Quando o filme foi finalizado, as autoridades das SS deportaram a maioria do "elenco" para o campo de extermínio Auschwitz-Birkenau. O regime nazista até o final utilizou a propaganda de forma efetiva para mobilizar a população alemã no apoio à sua guerra de conquistas. A propaganda era também essencial para dar a motivação àqueles que executavam os extermínios em massa de judeus e de outras vítimas do regime nazista. Também serviu para assegurar o consentimento de outras milhões de pessoas a permanecerem como espectadoras frente à perseguição racial e ao extermínio em massa de que eram testemunhas indiretas."

As Escrituras afirmam ***“Filhinhos, já é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também, agora muitos anticristos têm surgido; pelo que conhecemos que é a última hora”*** (1 João 2:18).

O significado da palavra CRISTO: MESSIAS é “o enviado; o ungido; o escolhido” (por Deus) em hebraico. O termo em Grego significa: O ungido. Anti - é uma preposição do grego que significa antagonismo: O oposto. O oposto de enviado é falso emissário.

O anticristo é o oposto de ungido: O termo ungido simbolizava o homem separado por Deus para o ofício de sacerdote, de profeta ou de rei que recebia o azeite derramado sobre sua cabeça. O Messias é aquele que foi separado para ser rei, profeta e sacerdote. O óleo descia abundantemente pelo cabelo, descia pela barba e caía pelas vestes no momento da unção. Esse óleo é o rito que dá início a capacitação do sujeito para o ofício e a partir dele o homem ou mulher separada receberá o Espírito de Deus que nela permanecerá até o fim de seu ministério. Logo o óleo começou a ser reconhecido como símbolo do próprio Espírito Santo. Uma pessoa ungida é uma pessoa separada, capacitada pelo Espírito, em quem reside o Espírito. O oposto de ungido: opresso. Pessoa sobre quem repousa o espírito ou espíritos malignos. Por consequência dos três ofícios de Jesus, ele será também um falso rei, exercerá um falso sacerdócio e também será um falso profeta. Na medida em que nos aprofundamos sobre cada um desses aspectos, governamental, sacerdotal e profético, mais entenderemos suas funções exercidas ao contrário. Um rei, ministro, governador, presidente, qualquer um que exerça as funções de chefe de estado, deve possuir qualidades de um nobre, sabedoria, benevolência, capacidade jurídica, retidão, equidade, imparcialidade, etc. Maquiavel discorre sobre princípios gerais para manutenção do poder em que a sabedoria é desprovida de caráter, onde a inteligência é usada para de todas as formas, legítimas ou não, para manutenção do poder. Tal procedimento foi denominado depois maquiavelismo. Há uma doutrina do Reino Passageiro, um evangelho particular que pode ser razoavelmente compreendido a partir do enunciado das ‘48 leis do poder’. As 48 leis do poder de Joost Elffers e Robert Greene são uma compilação de princípios maquiavélicos reunida nos escritos dos estrategistas (Sun-Tzu, Clausewitz), estadistas (Bismarck, Talleyrand), cortesãos (Castiglione, Gracián), sedutores (Ninon de Lenclos, Casanova), e charlatões (“Yellow Kid” Weil).

lei 1: não ofusque o brilho do mestre

lei 2: não confie demais nos amigos. Aprenda a usar os inimigos

lei 3: oculte suas intenções

lei 4: diga menos do que o necessário

lei 5: muito depende da reputação – dê a própria vida para defendê-la

lei 6: chame a atenção a qualquer preço

lei 7: faça com que os outros trabalhem por você mas sempre fique com o crédito

lei 8: faça as pessoas virem até você – use uma isca, se for preciso

lei 9: vença por suas atitudes não discuta

lei 10: contágio: evite o infeliz e azarado

- lei 11:** aprenda a manter as pessoas dependentes de você
- lei 12:** use a honestidade e a generosidade seletivas para desarmar a sua vítima
- lei 13:** ao pedir ajuda, apele para o egoísmo das pessoas, jamais para a sua misericórdia ou gratidão
- lei 14:** banque o amigo. Aja como espião.
- lei 15:** aniquile totalmente o inimigo
- lei 16:** use a ausência para aumentar o respeito e a honra
- lei 17:** mantenha os outros em um estado latente de terror: cultive uma atmosfera de imprevisibilidade
- lei 18:** não construa fortalezas para se proteger – o isolamento é perigoso
- lei 19:** saiba com quem está lidando – não ofenda a pessoa errada
- lei 20:** não se comprometa com ninguém
- lei 21:** faça-se de otário para pegar os otários – pareça mais bobo do que o normal
- lei 22:** use a tática da rendição: transforme a fraqueza em poder
- lei 23:** concentre as suas forças
- lei 24:** represente o cortesão perfeito
- lei 25:** recrie-se
- lei 26:** mantenha as mãos limpas
- lei 27:** jogue com a necessidade que as pessoas têm de acreditar em alguma coisa para criar um séquito de devotos
- lei 28:** seja ousado
- lei 29:** planeje até o fim
- lei 30:** faça as suas conquistas parecerem fáceis
- lei 31:** controle as opções: quem dá as cartas é você
- lei 32:** desperte a fantasia das pessoas
- lei 33:** descubra o ponto fraco de cada um
- lei 34:** seja aristocrático ao seu próprio modo: aja como um rei para ser tratado como tal
- lei 35:** domine a arte de saber o tempo certo
- lei 36:** despreze o que não puder ter: ignorar é a melhor vingança
- lei 37:** crie espetáculos atraentes
- lei 38:** pense como quiser, mas comporte-se como os outros
- lei 39:** agite as águas para atrair os peixes
- lei 40:** despreze o que vier de graça
- lei 41:** evite seguir as pegadas de um grande homem
- lei 42:** ataque o pastor e as ovelhas se dispersam
- lei 43:** conquiste corações e mente
- lei 44:** desarme e enfureça com efeito espelho
- lei 45:** pregue a necessidade de mudança, mas não mude muita coisa ao mesmo tempo.
- lei 46:** não pareça perfeito demais
- lei 47:** não ultrapasse a meta estabelecida; na vitória aprenda a parar.
- lei 48:** evite ter uma forma definida

Um resumo das diversas estratégias mundanas de dominação. O Contraste desses princípios com o Evangelho é muito grande.

[1 João 3](http://bibliaportugues.com/kja/1_john/3.htm) http://bibliaportugues.com/kja/1_john/3.htm

...17 Se alguém possuir recursos materiais e, observando seu irmão passando necessidade, não se compadecer dele, como é possível permanecer nele o amor de Deus? 18 Filhinhos, não amemos de palavras nem de boca, mas sim de atitudes e em verdade. 19 Desta forma, saberemos que somos da Verdade e acalmaremos o nosso coração na presença dele; ...

O mundo secular se exercita **em jogos de poder**. É desse mundo de dissimulação que Jesus veio retirar os seus. *Vós não sois do mundo*, disse certa feita. A norma de conduta estabelecida vai contra todas as táticas sociais impostas até então quando declara: Amai vossos inimigos. Bendizei aqueles que vos perseguem. Quando Jesus declara que a nossa palavra deve ser "sim, sim e não, não" e que o que passar disso, desse patamar de transparência tem origem no diabo, **sabia bem o que estava dizendo**. Porque se dizemos *não* quando queremos dizer *sim* e se dizemos *sim* mesmo quando nossa consciência diz que é *não*, é porque há uma estratégia por detrás do que fazemos, há uma segunda finalidade.

O reino do anticristo é o reino **das segundas intenções**. Ele é **francamente dissimulado**, inequivocamente oculto e permanentemente mal intencionado.

Se o reino de Cristo é o reino da luz, o dele é o reino das trevas. Se o reino de Cristo é eterno, o dele é o reino passageiro. Se Jesus é o homem segundo Deus, logo ele é o homem segundo Satanás. Se A palavra de Cristo é a Verdade, logo a sua palavra é completamente mentirosa. Jesus é o Mestre. O que Jesus ouvia do Pai o entregava aos discípulos. Ele é um falso mestre, o que ouvirá de Satanás isso irá ensinar ao mundo. Jesus veio para morrer pelo mundo. O anticristo fará o mundo morrer por sua causa. Jesus cumpriu toda a vontade de Deus. O anticristo realizará toda a vontade de Satanás. Jesus realizou como prodígios, sinais e maravilhas em nome do pai. O anticristo realizará prodígios, sinais e maravilhas pelo poder da mentira em nome do diabo. Os sinais serão sobrenaturais, físicos, reais, mas **sem significado**, com o intuito de conduzir as multidões não até Deus, mas até ele. Jesus é o CAMINHO. O anticristo se definirá como o DESTINO. Como se ele fosse a razão de tudo. Jesus se fez pobre para que nós pudéssemos nos tornar participantes das riquezas celestiais. O anticristo assumirá a riqueza dos povos, roubará o sistema financeiro mundial para realização de sua própria causa. Através de Cristo veio a salvação do mundo. Através do anticristo viria a sua destruição, se não for deposto a tempo. Mas será.

Então, um eventual chip de controle, hoje sob a égide das leis internacionais e financeiras é só outra questão tecnológica, influenciando tanto quanto o débito automático. Porém no Reino Passageiro poderá até ser um passaporte para a morte e para o controle de pessoas. Não é um sistema eletrônico que define o reino passageiro, é a totalidade dos sistemas jurídicos, bancários, sociais, políticos, religiosos, filosóficos, de comunicação, de marketing, jornalísticos, utilizados com o intuito de dar autoridade ao tal reino.

“Muitos anticristos” Qualquer homem que age como se fosse deus ao dar nenhuma importância ao próximo, usando ao outro para suas próprias realizações, ainda que para tal destrua seu próximo, é um anticristo. O ultimo dá nome aos primeiros. Nesse ultimo a desumanidade atinge a maturidade.

O ENIGMA dos 666

E o peso do ouro que se trazia a Salomão cada ano era de seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro; 1° Reis 10:14

E o peso do ouro, que vinha em um ano a Salomão, era de seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro, 2° Crônicas 9:13

Os filhos de Adonirão, seiscentos e sessenta e seis. Esdras 2:13

E o ENIGMA proposto em Apocalipse:

Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis. Apocalise 13:18

O rei Salomão recebia 666 talentos de ouro por ano, igual a 34,7 kg de ouro x 666 - 23110 kg de ouro por ano. De todas as províncias, reinos conquistados, tributos externos, impostos, etc. Cerca de 2 bilhões de dólares anuais (1000 g=U\$ 85.265,38). A coincidência entre os dois valores é proposital. O significado é de que parte do mistério da BESTA diz respeito a PODER ECONOMICO. Ganância. Dinheiro. Um dos mistérios desse governo, entidade ou pessoa é que ele estabelece as relações financeiras internacionais no tempo de sua manifestação. Como uma corporação gigantesca que através de práticas de Cartel, Monopólio, pode destruir a economia de um país ou de vários, levando uma nação a destruição completa de sua indústria, comércio e instituições financeiras, fazendo uma convulsão social, com a morte de milhões. É só olhar para a África e ver o fruto da dominação francesa, britânica, portuguesa e etc. Pra ter idéia do desvario: Milhões morrem hoje de AIDS porque no início do século tiveram seus meios de subsistência tomados pelo colonialismo, perderam o direito as suas plantações, o poder econômico impeliu tribos a desunião, ao genocídio, a desordem política para manutenção de extrativismo mineral (diamantes de sangue), plantações de monocultura com empobrecimento do solo...

666 está lá em Salomão de propósito.

“Aqui há sabedoria”

Outra referencia a Salomão. Nenhum ser humano foi mais sábio do ele, segundo as Escrituras. O que pode ser **constatado** num trecho do livro Cântico dos Cânticos:

[Lereiakh sheman](#)eikha tovim shemen [turak](#) shemekha al-ken [alamot](#)
ahavukha:

SUAVE É O AROMA DOS TEUS UNGÜENTOS; COMO O UNGÜENTO DERRAMADO (ÓLEO PERFUMADO) É O TEU NOME; POR ISSO AS VIRGENS (JOVENS, DONZELAS) TE AMAM.

Unguento era o uma mistura de ervas que eram utilizadas para cura de feridas. Há um jogo com as palavras unguento e nome, possuem uma sonoridade próxima sem, shem, e a raiz de onde vem Semente. O nome de Jesus é como um bálsamo que foi dado para curar feridas que o mundo e o inferno causaram. Ele é revestido de um poder sobrenatural capaz de curar as feridas da alma, do coração e mesmo físicas. A Igreja dos primeiros dias invocava o poder do Nome, a Autoridade que havia no nome, de modo que Pedro para diante de um parálítico diante do templo, que lhe pede esmola e lhe declara: dinheiro eu não possuo. Mas tenho algo muito mais PRECIOSO. Porque o unguento da antiguidade era uma coisa muito cara, rara, preparada em lugares especiais, segundo técnicas que eram passadas somente às famílias médicas que os preparavam. Pedro cheio de "unguento" ou completamente cheio de fé na Autoridade da SEMENTE declara: Em NOME de JESUS, levanta e anda! E a Autoridade escondida no nome, assim como o poder de vida escondido na semente, faz germinar uma fé sobrenatural no coração do parálítico e este é curado imediatamente.

Os verso 1 e 2 são cheios de lirismo. E riquíssimos em poesia. Nos concedem uma vaga noção sobre a inteligência de Salomão.

Ele brinca com SINESTESIA. Sinestesia é uma figura de linguagem, em termos literários, quando nós misturamos os sentidos, olfato, visão, audição, gustação, para expressar uma realidade, nós concedemos a qualidade de um gosto depurado há um sentimento, a honra nós comparamos ao perfume, a beleza, algo visual, nós concedemos sonoridade. Expressamos humores, sentimentos ou sensações em forma de sentidos. O amor é delicioso como um doce, o ódio é amargo como o fel, a ternura é doce como o mel. Uma atitude pode ser tão hedionda que é podre, repugnante, cheira mal. As Escrituras são repletas de sinestesia literária, que concedem expressividade às palavras de modo especial. A sinestesia pode ultrapassar os limites literários e possuir aspectos psicológicos e espirituais.

Superinteressante expressa a experiência de uma mulher com sinestesia psicológica.

"A sinestesia é uma característica genética herdada dos pais que faz com que um ser humano experimente mais de uma sensação com base no mesmo estímulo. Palavras, números, sons e vozes ganham cores, cheiros, sabores e até personalidades. Parece obra de ficção, mas é apenas fruto de um cérebro um pouquinho diferente."

A sinestesia parece estar por trás da memória das chamadas *savants*, pessoas de memória prodigiosa e de grande habilidade com números.

TESLA é um bom exemplo da sinestesia e intelectualidade. Ele visualizava em sua mente os inventos que produziria, antes de iniciar a construí-los. A eletricidade em corrente alternada é herança dele.

Esse verso começa a desvendar os mistérios da sabedoria de Salomão. O que o Espírito de Deus realizou nele na noite em que se manifestou numa visão e lhe concedeu o dom de Palavra de Sabedoria.

Quem crê nas Escrituras compreende que os critérios divinos são perfeitos, assim como seu julgamento. Quando Deus estabelece um parâmetro, um limite, ou declara um

conceito, podemos ter certeza que ele está declarando algo com um critério inigualável. Ou seja, quando algo é visto nas Escrituras como bom, é realmente bom. Se é declarado abominável, é em absoluto hediondo, torpe e abominável. Deus estabelece alguns momentos sublimes, alguns fatos que são o recorde, inigualáveis, que não podem ser ultrapassados em tempo algum, porque aos seus olhos, aos olhos de um imortal e eterno, que possui todo o conhecimento e toda a sabedoria do cosmos e além dele, aquilo é uma coisa incomum, singular, única. Por exemplo, o instante que Deus considera o de maior manifestação de poderes celestiais, o de maior manifestação de seu próprio poder é o da **RESSURREIÇÃO DE CRISTO** e sua **EXALTAÇÃO**. Não o instante da criação do universo, o que para nós parece ser um disparate. Na criação do universo o poder de Deus fluiu sem resistência. Na ressurreição de Cristo houve uma **OPOSIÇÃO** a este poder, de tal monta, que a força necessária ou o seu esforço para a ressurreição de Cristo aos olhos de Deus é maior que a que ele usou na criação do universo físico.

Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento **o espírito de sabedoria e de revelação;**

1 Tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a
8 esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos;

1 E **qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos,**
9 **segundo a operação da força do seu poder,**

2 **Que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e pondo-o à sua**
0 **direita nos céus.**

Deus estabelece esses "limites" essas singularidades, eventos que são de tal magnitude que simplesmente não são ultrapassáveis. Outro exemplo é o "dia do Senhor" que basicamente é o dia em que o UNIVERSO será DESFEITO. Um dia sem igual. Uma singularidade. Quando Jesus fala de tempos de angustia, de tribulação ele aponta para dias que não haverão iguais sobre a terra em termos de tribulação, que significa que aos seus olhos, nunca houve uma época na história da humanidade e jamais haverá outra após esses dias, tão ruim.

Quando ele chama a Abrão da terra de Ur dos Caldeus, ele o conduz a uma singularidade. Dele será dito "em ti serão benditas TODAS as famílias da terra". Essa profecia é abrangente e inigualável. Ela fala de algo que procederá de Abraão e que terá influencia em todo ser humano. Outro absoluto, outra coisa fantástica relacionadas as grandes coisas das Escrituras. Outro "recorde". Há um homem que era capaz de rasgar leões ao meio. Sansão é outra singularidade. Ele é inigualável em força, nunca haverá na terra outro ser humano que se compare a ele em força física. Outro recorde. O ser humano possui a mania de comparar eventos, pessoas, fatos, acontecimentos para "medir" a grandeza do que aconteceu. A humanidade discute sobre as "maiores" guerras, as mais poderosas armas, qual a montanha mais alta, qual a maior explosão vulcânica, que praga matou mais seres humanos, qual o pior período de fome, qual a mulher mais bela da história, qual a maior distancia percorrida por uma expedição. As competições e esportes buscam singularidades, buscam os melhores, os menores tempos, os maiores saltos. Há no ser humano uma curiosidade com relação as coisas que ele considera os limites, os maiores eventos, relacionado a grandeza.

A questão de quem foi o ser humano mais inteligente que viveu na terra seria fruto de décadas de debates entre centenas de instituições. Implicaria até na crítica de qual tipo de "saber" é o mais importante, física, matemática, química, filosofia, cada disciplina exaltando seus "mestres". Necessitariam o apontamento das grandes descobertas científicas e intelectuais, das grandes proezas matemáticas, para estabelecer critérios. E responder a pergunta: "o que é inteligência?" para uma "eleição" coerente.

O ser humano possui uma tremenda soberba intelectual. Existem hoje testes para averiguar o "Q.I – Quociente de Inteligência" de um ser humano, a sociedade premia as chamadas "grandes inteligências" ela exalta o acadêmico e prestigia a especialização e os cursos de Doutorado e Pós-Graduação em diversas áreas. Há lutas entre correntes ideológicas, entre "escolas" de saberes, busca-se a proeminência científica, filosófica, intelectual em diversas áreas. As lutas e confrontos intelectuais entre diversas academias é uma "tradição" lúdica dos nossos tempos.

Porém... Deus declarou nas Escrituras que nenhum ser humano que nasceria na terra, isso há 3000 anos, **se IGUALARIA a Salomão. Deus fez dele uma "singularidade"**.

Aos olhos de Deus, Salomão já venceu a disputa pelo título de "homem mais inteligente que já existiu".

Ao lermos Cantares nos aproximamos dessa realidade. **A sinestesia** é uma das pistas que o Espírito nos deixou, sobre a grandeza da inteligência que o Espírito concedeu a Salomão.

Nos conduz também a admirar ao DOM de Palavra de Sabedoria.

Foi numa noite onde numa visão foi CONCEDIDA por meio SOBRENATURAL o dom que fez Salomão compor o Cântico dos Cânticos. É muito belo, maravilhoso e poético.

Para ajudar o leitor de Apocalipse entender a malignidade da besta, fruto de seu poderio econômico, e ver o relacionamento do ENIGMA com Salomão. "Aqui há sabedoria" - afirma o anjo.

O anjo afirmava a verdade. Há **sabedoria** na composição do enigma, **inteligência** nas associações propositais, há referência à **sabedoria** de Salomão e ao seu poderio econômico, há **sabedoria oculta**, celestial e perversa compartilhada com seres humanos e por fim há **sabedoria maldosa**, oportunista e manipuladora na realização do que o enigma simboliza. E exige inteligência e raciocínio de quem anseia interpretar ao enigma

A outra pista significativa. Nas Escrituras, de um modo geral, 6 se relaciona ao homem, assim como 7 à perfeição, 8 à Cristo, 9 aos dons, 10 à Lei. Deus faz associação de eventos aos números (homem criado ao sexto dia, Jesus ressurreto ao oitavo dia, apresentado no templo no oitavo dia, assim pó diante) para ajudar-nos a entender seus significados dentro das Escrituras. Eles são a tabuada de Deus para fixar em nós algumas idéias das Escrituras.

Dizem-se, destes 666 em Apocalipse, que é o numero de um homem.

666, um grupo de algarismos "6" juntos, uma corporação, um ajuntamento. Uma assembléia. Um governo.

Ajuntando os dados, as partes do enigma:

- Sabedoria;
- Homem, poder econômico, ostentação;
- Animosidade (besta – que é um animal, fala de gente agindo que nem fera);
- Pluralidade de "6";
- Uma ordem de fazer cálculo (calcule o número da besta);
- A questão de ser um mistério, um enigma;

Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis. Apocalise 13:18

Ajuntando tudo numa frase:

Corporação/grupo/instituição que usa a ciência/sabedoria/ tecnologia para garantir poder econômico/financeiro sem ética, ilicitamente (besta-fera o homem dominado pelo instinto) como base para dominação de gente, de modo CALCULADO, com base matemática, estatística. de maneira oculta, escondida, dissimulada, escondendo propósitos.

O reino do anticristo, numa bela fotografia.

Em termos práticos... 666 significa 150 trilhões de dólares nas mãos de um único homem... significa que guerras com milhões de mortos, seriam criadas com o único propósito, gerar dinheiro.

Para controlar a economia, assim como às drogas. Controlar ao sistema de telecomunicações. Aos satélites. Aos jornais. Controlar líderes, políticos, senadores, ministros e chefes de estado. Controlar Bancos centrais e a emissão das moedas. Dominar o sistema financeiro mundial.

E paradoxalmente, 666 que fala do poder adquirido por trilhões de dólares, significa exatamente: nada.

Uma coisa sem nenhum valor.

Significa um grupo de homens que venderam seus irmãos como escravos por poder, glória e dinheiro. E esses irmãos incluem grande parcela da humanidade. Por nada. Sem razão. Por razões sem valor. Por valores nulos. Pelo excesso do vazio. Pela mentira e para a vergonha. Pelo objetivo de consumir ao

homem, e de reduzi-lo a nada. 666 é o cúmulo do complexo de Caim. Uma vergonha desmedida.

Uma completa perda de recursos, de capital e de investimentos, por uma razão absolutamente burra. No processo aqueles que se tornaram aquilo que ele, 666, profetiza, perderam sua humanidade. E junto com ela, sua humanidade perdida, a beleza das canções e a alegria do amor. Trocaram a sua vida pelo poder e usaram esse poder para a sublime obtenção do NADA. Moraram em lugares luxuosos e beberam vinho de safras únicas. Tiveram em mãos obras de arte que outros homens não puderam testemunhar.

Em vão.

Vivemos num país pródigo em mentiras. E num mundo que jaz nela. Temos uma vaga noção do nível de mentira no qual vive a sociedade moderna. A mentira presente em seus conceitos, nas suas filosofias, na área jurídica, científica, acadêmica e política. Das mentiras na área cultural. Das mentiras econômicas.

Porque na caminhada para a obtenção dos recursos para o domínio do mundo, destruíram a canção que nasce dentro do coração de toda criança.

666 significa um pequeno e exclusivo grupo de homens que vendeu a humanidade nos últimos dias, para a obtenção de absolutamente nada.

Iluminatis, banqueiros mundiais, certos maçons, ocultistas, religiosos, cientificismo. No caminho queimaram as vilas, destruíram a história, desprezaram e cuspiram no túmulo de seus pais. Então, pelo processo desumanizatório, ou pelo caminho, já não conheceram mais a paixão, a ternura, ou a beleza dos ventos sobre os montes escarpados. Seus valores interiores se deterioraram como as ações das empresas que ajudaram a falir.

666 falam-nos de mortos que sonharam que estavam vivos. E que brincaram de ser deuses. E que foram derrotados antes do início de seus planos por um homem que não tinha onde reclinar sua cabeça. Que só não foi atirado como indigente no Geena ao lado de Jerusalém pela misericórdia de outrem. 666 falam-nos de 150 trilhões de dólares que não foram o suficiente após comprar milhões de vozes para calarem a voz de um filho de um carpinteiro. 666 falam de extrema pobreza humana. Que não suplantou a riqueza advinda de uma cruz. 666 fala de uns pobres coitados que se achavam ricos. Que tinham navios de carga, terras cultiváveis, vinhas, petróleo, grãos, bancos e algumas hipotecas. E que na verdade eram só mordomos imprestáveis que em breve serão chamados para depor sobre sua administração fracassada. E que serão esquecidos juntamente com TUDO que fizeram, quando sua hora chegar.

Aconteceu que certo individuo nestes últimos dias (2015) dizendo-se não somente ser o Cristo, como também o Anticristo. José Luis de Jesús Miranda. Ou afirmando que o número da BESTA 666 dito lá em Apocalipse se refere não a BESTA mais sim a ELE, uma versão remasterizada da pessoa de Jesus. Um Jesus Cool, multiplataforma, rodando em consoles tanto de Playstation quanto Wii, iniciado nos segredos do Linux (na distribuição da extinta Redhat). Mas que

também é Mandriva!!! Um Cristo com hardware da Apple que também é capaz de rodar com perfeição aplicativos do antigo e **poderoso Amiga 4000 (eu sou meio antigo)** da canadense Comodore. Já não bastava a nossa (brasileira) versão gaúcha de Cristo falsificado e os falsos Messias do Judaísmo, desde a época de Jesus, (Gamaliel neto de Hilel que disse que a obra dos apóstolos era de Deus continuaria e etc. - falou a respeito de um falso messias de sua época). Não bastasse isso, há HOJE uma guerra de merchandising entre os seis "cristos" da atualidade, Reverendo Moon (morto em 2012, o texto original é anterior à essa data) esse novo (Jesus Miranda), o nosso tupiniquim (gaúcho), mais uns dois americanos e pelo menos um da Rússia. A pergunta será: Qual desses vai ostentar o título de "Salvador do mundo" com certificação ISO, reconhecimento Papal e aval da CPAD? Em breve deveremos lançar uma NBR (norma brasileira) pra regulamentar a candidatura dos que se dizem Jesus, ao posto de Cristo verdadeiro.

Sobre o reino

Wellington Corporation